

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

CAMILA TEIXEIRA SILVA SPINELI

**COMPETÊNCIA INFORMACIONAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE
BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

GOIÂNIA
2016

CAMILA TEIXEIRA SILVA SPINELI

**COMPETÊNCIA INFORMACIONAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE
BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Ma. Lais Pereira de Oliveira.

GOIÂNIA

2016

S757c Spineli, Camila Teixeira Silva
Competência informacional dos estudantes do curso de
Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. [manuscrito] /
Camila Teixeira Silva Spineli. - 2016.
LXX, 70 f.: il.

Orientador: Prof. Profa. Ma. Lais Pereira de Oliveira. .
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal
de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) ,
Biblioteconomia, Goiânia, 2016.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.

1. Competência Informacional. 2. Information Search Process
(ISP). 3. Modelos de Competência. 4. Ensino Superior. I. , Profa. Ma.
Lais Pereira de Oliveira., orient. II. Título.

CDU 02:37

CAMILA TEIXEIRA SILVA SPINELI

**COMPETÊNCIA INFORMACIONAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE
BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Ma. Lais Pereira de Oliveira – UFG

Presidente da Banca

Bibl. Filipe Reis

Membro Examinador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por estar presente em todos os momentos da minha vida, me dando forças para vencer todos os obstáculos que tem aparecido durante essa trajetória.

Aos meus pais e ao meu irmão, que em tudo me apoiaram e me passaram energias positivas para que chegasse no final de cabeça erguida.

Ao meu amor e companheiro Filipe, que tudo que ele pôde fazer, ele fez pra me ajudar e incentivar.

A todos os meus amigos dessa jornada de quatro anos que colaboraram grandemente com essa pesquisa e sem dúvida fizeram parte da minha história.

Em especial a minha amada orientadora Lais Pereira de Oliveira, que com toda sua paciência e calma me ajudou a vencer essa etapa tão importante pra mim. Agradeço pelos ensinamentos, companheirismo, instruções em cada etapa do desenvolvimento desse trabalho.

E a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização desse projeto de vida.

Muito Obrigada!

“A verdadeira motivação vem de realização, desenvolvimento pessoal, satisfação no trabalho e reconhecimento.”

Frederick Herzberg

RESUMO

Analisa a competência informacional dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás no ano de 2014, tendo por base a formação recebida. Para tanto, a pesquisa utilizou como parâmetro as fases em comum dos principais modelos de competência informacional. Por meio de uma abordagem qualitativa e também quantitativa, o estudo descritivo teve como instrumento um questionário com perguntas abertas e fechadas, o qual foi encaminhado por e-mail para os graduados em Biblioteconomia do ano de 2014, obtendo retorno de 50% do público selecionado. Com esses dados foi possível perceber que cerca de 31% dos egressos da UFG-2014 atuam na área, contra 46% que declararam não estar exercendo nenhuma atividade relacionada a sua área de conhecimento e 23% que afirmaram atuar em outras áreas. Conclui-se, com base nas respostas, que esses profissionais demonstram bom entendimento do conceito de competência, apresentando em um quadro geral, adequada competência informacional. Ainda assim, explicitam-se dificuldades relacionadas à assimilação e entendimento das fontes de informação e sua classificação; à apreensão e expressão das ideias de um texto em palavras próprias; e à avaliação da confiabilidade dos recursos e fontes informacionais.

Palavras-chave: Competência informacional. Modelos de competência informacional. Ensino superior.

ABSTRACT

The study analyses the information literacy of library science course graduates from the Universidade Federal de Goiás in 2014, based on the training received. To analyze the competence of professionals evaluated the research used as a parameter in common phases of the main models of information literacy. Through qualitative and quantitative approach, the descriptive study used a questionnaire with open and closed questions, which was sent by email to the graduates of 2014 years of librarianship, obtaining return of 50% of selected public. With these data it was revealed that about 31% of UFG-2014 graduates working in the area, against 46% who reported not practicing any activity related to their area of expertise and 23% said that work in other areas. We conclude, based on the answers that these professionals demonstrate good understanding of the concept of competence, in presenting a general framework, adequate information literacy. Still, they explain to difficulties related to the assimilation and understanding of information sources and their classification; the seizure and expression of ideas of a text in own words; and assessing the reliability of resources and informational sources.

Keywords: Information literacy. Informational competency models. High education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. As três Dimensões da Competência.....	22
Figura 2. Processo de Busca <i>Information Search Process</i> (ISP).....	277
Figura 3. Quadro comparativo dos modelos.	322

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Representação gráfica do sexo masculino e feminino.....	45
Gráfico 2. Gráfico referente a faixa etária de cada um dos entrevistados.....	45
Gráfico 3. Gráfico referente a área em que os entrevistados atuam.	46
Gráfico 4. Expressa o sentimento dos entrevistados com a profissão de bibliotecário.	47
Gráfico 5. Percentagem de conteúdos, que os entrevistados buscam informação.	47
Gráfico 6. Porcentagem das estratégias que os participantes buscam informações.	48
Gráfico 7. Resultados da porcentagem de egressos que utilizam resumos e esquemas para aprimorarem os conhecimentos.	48
Gráfico 8. Percentagem da forma que os entrevistados mais utilizam para pesquisar.	49
Gráfico 9. Percentagem de como são avaliadas os critérios da informação.	50
Gráfico 10. Porcentagem de compreender as ideias do autor, ao longo do texto.....	51
Gráfico 11. Resultados referentes a averiguação e confiabilidade das fontes de informações. 51	
Gráfico 12. Resultado da pesquisa referente ao profissional conseguir expor suas ideias.	52
Gráfico 13. Resultados em porcentagem da capacidade de extrair um determinado assunto. .	53
Gráfico 14. Dados observados a partir da utilização de forma ética a informação.	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Representação do questionário sobre Competência Informacional de acordo com seus blocos.....	39
Tabela 2. Resultados das fontes de informações.	50
Tabela 3. Primeira pergunta e as repostas dos entrevistados.	55
Tabela 4. Segunda pergunta e as repostas dos entrevistados.	56
Tabela 5. Terceira pergunta e as repostas dos entrevistados.	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AASL	American Association of School Librarians
ABECIN	Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
ACRL	Association of College and Research Libraries
ALA	American Library Association / Associação de Bibliotecários Americanos
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNE	Conselho Nacional de Educação
ECI	Escola de Ciência da Informação
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FACOMB	Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
ISP	Information Search Process
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LOEX	Library Orientation Exchange
MEC	Ministério da Educação
PPC	Projeto Político Pedagógico do curso
PROUNI	Programa Universidade para Todos
RGCG	Regulamento Geral dos Cursos de Graduação
SCONUL	Society of College, National and University Libraries
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 JUSTIFICATIVA E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	13
1.2 OBJETIVOS	15
1.2.1 Objetivo geral	15
1.2.2 Objetivos específicos	15
2 REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 ASPECTOS CONCEITUAIS DA COMPETÊNCIA INFORMACIONAL.....	16
2.1.1 Perspectivas históricas da competência informacional	18
<i>2.1.1.1 A educação de usuários como antecedente da competência informacional</i>	<i>20</i>
2.1.2 Surgimento da competência informacional no Brasil	22
2.2 O INDIVÍDUO COMPETENTE INFORMACIONAL.....	24
2.2.1 Modelos de competência	26
<i>2.2.1.1 Information Search Process (ISP)</i>	<i>26</i>
<i>2.2.1.2 The Big Six</i>	<i>28</i>
<i>2.2.1.3 The Seven Pillars</i>	<i>28</i>
<i>2.2.1.4 Association of College and Research Libraries (ACRL)</i>	<i>29</i>
<i>2.2.1.5 Comparativo dos modelos</i>	<i>31</i>
2.3 A FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO PARA A COMPETÊNCIA INFORMACIONAL	33
3 METODOLOGIA	35
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA.....	35
3.2 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA	35
3.2.1 Universidade Federal de Goiás (UFG)	36
3.2.2 O curso de biblioteconomia da UFG	37
3.3 UNIVERSO E AMOSTRA DA PESQUISA	38
3.4 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	38
3.4.1 Pré-teste	39
3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	40
3.6 ETAPAS DA PESQUISA	40
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	41
4.1 ANÁLISE DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA	41
4.2 ANÁLISE DA COMPETÊNCIA INFORMACIONAL DOS EGRESSOS	44

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
6 SUGESTÕES FUTURAS	59
Referências bibliográficas.....	600
Apêndice A - Questionário Competência Informacional.....	677

1 INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, a Biblioteconomia vêm ensejando o aparecimento de novos termos que possam conceber de maneira mais clara as atividades que são exigidas do profissional da informação. A competência informacional consiste em um desses marcos. Assim sendo, o presente estudo tem como finalidade discutir esse tema no âmbito do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás (UFG).

O conjunto de habilidades concernentes ao universo informacional é designado de competência informacional. O marco passou a existir em meio a este ambiente informacional que está em estável transformação. Tal competência envolve, em meio a outras habilidades, a de saber determinar as precisões informacionais, bem como a de acessar, procurar, usar e comunicar a informação com ética e precisão. A competência informacional insere-se em uma conjunção onde se precisa de pessoas competentes para trabalhar com estoques ilimitados de fontes informacionais, seus procedimentos de busca e filtragem, a gestão da informação, e até mesmo, a adequada assimilação e dispersão destes conteúdos (BLANK; GONÇALVES, 2013).

Sabe-se que o alto número de atividades produtivas em volta da informação é um dos motivos que fazem com que a sociedade da informação se torne ampla. A informação está vinculada a todos os setores que abrangem a sociedade, comprometendo direta ou indiretamente o dia-a-dia e o modo de atuar das pessoas, ou seja, aprimorar-se dela e transformá-la em conhecimento são alguns dos desafios fundamentais da contemporaneidade.

Além disso, a sociedade contemporânea traz novos desafios para a educação como fonte de desenvolvimento econômico, formando novas gerações autônomas para pensar, julgar situações, tomar decisões, aprender e compreender ao longo da vida. Logo, o ensino superior deve estimular a curiosidade intelectual dos acadêmicos, tornando-se fonte de produção do conhecimento nas diversas áreas.

A universidade pública estimula o aluno a produzir o conhecimento adquirido em conhecimento científico. De tal maneira que os estudantes precisam não apenas conhecer as informações existentes, mas, sobretudo saber utiliza-las no período de formação como também em sua vida profissional. Portanto, o objetivo da pesquisa foi analisar a competência informacional dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás no ano de 2014, tendo por base a formação recebida.

A competência informacional faz parte de um procedimento que se edifica conjuntamente com os educadores e com as instituições de ensino, auxiliando-os a conseguir

as suas metas em afinidade ao desenvolvimento dos sujeitos como profissionais e cidadãos, uma vez que “[...] é alguma coisa trabalhando consecutivamente, como observar, interpretar, compartilhar, questionar, elaborar críticas, hipóteses e esclarecimentos” (CAVALCANTE, 2006, p. 57).

O bibliotecário dos dias atuais precisa ampliar suas competências, conforme vão se modificando as tendências da área e surgindo novas tecnologias, a fim de priorizar uma aprendizagem continuada para manter-se atualizado diante das exigências de uma sociedade mais informada. Assim, espera-se deste profissional, que ele possa estar preparado para administrar, trabalhar e concretizar produtos de informação nas distintas organizações, privadas e públicas, com um compromisso de liderança, além do estilo inovador e criador (FLORES; VARGAS, 2007).

Quanto à estruturação do trabalho, a pesquisa foi dividida em tópicos, iniciando com a introdução, seguida pela revisão bibliográfica na qual foi pautada sobre as principais pesquisas relacionadas ao tema. Posteriormente, a metodologia em que relata como a pesquisa foi realizada. Em seguida, apresenta a discussão e interpretação dos dados, o qual descreve os dados coletados a partir da pesquisa realizada, referente ao projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia, bem como o conjunto coletado junto aos sujeitos da pesquisa, pelo questionário com perguntas abertas e fechadas. E, por fim, a conclusão e sugestões para futuras pesquisas.

1.1 JUSTIFICATIVA E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Faz-se necessário saber como tem sido a formação do bibliotecário, entendendo as competências informacionais desenvolvidas durante o curso de Biblioteconomia que embasam a atuação desse profissional da área de informação. Nesse sentido surgiu o interesse de averiguar as habilidades dos concluintes do ano de 2014 – no âmbito da Universidade Federal de Goiás – em relação à informação, tendo em vista a curiosidade sobre o tema e a intenção de abordá-lo no contexto biblioteconômico, considerando o perfil do profissional da informação assumido como bibliotecário.

Este estudo permite verificar possíveis lacunas na formação do bibliotecário. Ainda, elementos agregadores ao egresso que contribuem para sua condição de indivíduo competente informacional. Pois, as transformações estáveis incididas na sociedade, principalmente as geradas pelo desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e informação, exigem uma nova postura dos profissionais.

Destaca-se que a discussão do tema competência informacional no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, além de outras áreas características, tem recebido grandes proporções e uma distinção de abordagens. A que se propõe no presente trabalho é uma abordagem sobre o profissional bibliotecário, egresso do curso e iniciado no mercado de trabalho.

Nessa acepção, é indispensável um conhecimento mais ativo dos profissionais da informação, que, por sua vez, precisam ter sentidos claros referentes ao tema, além de terem eles próprios as competências informacionais para tomar parte de projetos e programas de ensino e extensão, ou mesmo para cooperar com professores em sala de aula.

De acordo com Dudziak (2003, p. 23), a competência informacional é entendida como o “procedimento sucessivo de internalização de embasamentos conceituais, atitudinais e de capacidades imprescindíveis à compreensão e influência mútua constante com o universo informacional e sua eficácia”, tendo em vista adequar aprendizado ao longo da vida. Por serem essas competências imputadas a todos os profissionais nas mais diversas esferas, compreende-se que no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação a competência informacional é imensamente mais complexa.

Uma vez que o profissional bibliotecário precisa – além de dominar o conhecimento de seu campo de saber – ter um conhecimento ínfimo dos campos nos quais opera, é prerrogativa importante sua competência informacional, já que trabalha com a informação e a ela vincula o usuário. Além disso, deve saber utilizar as tecnologias de informação e de comunicação a fim de auxiliar o desenvolvimento de atividades unidas a estes campos, especialmente em motivo do desenvolvimento acelerado da documentação técnico-científica registrada em numerosos suportes e formas.

Portanto, para ser capaz de edificar um novo paradigma e de colaborar para a educação de indivíduos adequados em informação, o próprio bibliotecário precisa ser competente em conhecimento e dominar as agilidades necessárias para efetivar-se o processo de pesquisa adequadamente. Considera-se de suma importância a apreciação dos procedimentos abrangidos nas práticas de pesquisa dos alunos para pesquisar como estas atividades estão se desenvolvendo dentro da universidade e quais as características necessárias para se considerar alguém como competente em informação.

Diante do tema apresentado, sobre competência informacional dos estudantes egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, é indispensável levantar certa indagação: qual a situação atual da Competência Informacional dos egressos do curso de

Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás no ano de 2014, tendo por base a formação recebida?

1.2 OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho são relacionados a seguir.

1.2.1 Objetivo geral

Analisar a competência informacional dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás no ano de 2014, tendo por base a formação recebida.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Avaliar o nível de entendimento dos entrevistados sobre o tema competência informacional;
- b) Identificar, com base nos principais modelos, as competências adquiridas por esses concluintes;
- c) Perceber as contribuições à competência informacional a partir da formação obtida na graduação.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Ao dar início a presente revisão de literatura considerou-se de suma importância discorrer sobre a competência informacional, que foi analisada como a educação dos usuários, que se encontravam associados às capacidades na utilização do acervo e da biblioteca. Houve também uma análise da origem do termo competência informacional, a partir de uma discussão da definição inglesa e francesa, as quais podem ser definidas como o berço desse termo. No Brasil a competência informacional foi enfatizada com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e tem aprimorado com as exigências do mercado de trabalho, o qual tem influenciado na formação profissional, garantindo profissionais dinâmicos e produtivos.

2.1 ASPECTOS CONCEITUAIS DA COMPETÊNCIA INFORMACIONAL

Vive-se em um mundo mergulhado de conhecimentos, marcado pelos métodos de produção e disseminação dos dados que, auxiliados pelas tecnologias, admitem a combinação de elevados fluxos informacionais em segundos, culminando numa nova maneira de organização social e bem-sucedida, estabelecendo a chamada sociedade da informação, acarretando amplos conflitos nos negócios, no ensino e no mundo das bibliotecas (RADER, 2000; MOURA, 2006 *apud* MATA, 2006).

A competência informacional está no centro do aprendizado no decorrer de toda a vida. Ela habilita as pessoas em todo o caminhar da vida para procurar, analisar, utilizar e instituir a informação com eficácia para alcançar suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais. É um direito humano básico em um mundo digital promover a inclusão social em todas as nações (IFLA, 2004).

A palavra competência informacional inicia-se na literatura brasileira de Biblioteconomia e Ciência da Informação, citada por autores que compreendem a necessidade de se aumentar o desempenho pedagógico da biblioteca, ou seja, de se estabelecer um novo modelo educacional para a biblioteca, aumentando a opinião da educação dos usuários e repensando a função do bibliotecário no método de aprendizagem (DUDZIAK, 2003).

Uma apreciação fundamental de competência é uma habilidade de operar com eficácia em variadas circunstâncias, capacidade esta que se apoia em conhecimentos, uma vez que as competências empregam, associam e movimentam conhecimentos para afrontar um conjunto de ocorrências complicadas. E o mais importante: expressam do mesmo modo a

capacidade de atualizar o conhecimento (BELLUZZO, 2005; LECARDELLI; PRADO, 2006).

Belluzzo (2005) entende a competência associada a duas grandezas caracterizadas: sendo a primeira, a dominação de conhecimento e agilidades de distintas naturezas que possibilita a intercessão da prática na realidade; e a segunda, uma perspectiva crítica da aquisição das ações e a obrigação com as precisões mais reais que surgem e diferenciam o atualizado contexto social. A informação permite um componente de sentido: é uma definição transmitida a um ser consciente através de uma mensagem inscrita em um suporte espacial, temporal, impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc.

A competência informacional abrange também diversos princípios, como o aprender a aprender, que permite o aprendizado no decorrer da vida, um dos princípios do século XXI, mostrado no relatório de Delors (1998) e por vários educadores preocupados com a aprendizagem e progresso das pessoas.

O estado também principiante nos estudos a respeito da competência informacional e a carência de uma aceção precisa do termo têm movido os autores que debatem o tema a descrevê-lo, ao oposto de defini-lo. Uma dessas definições foi proporcionada em um relatório da *American Library Association* (ALA), em 1989 (ALA, 2000), segundo o qual “para ser adequado em informação o indivíduo precisa ser capaz de distinguir quando necessita de informação e possuir agilidade para encontrar, avaliar e usar realmente a informação” (CAMPELLO; ABREU, 2005, p. 179).

Logo, para gerar esse tipo de cidadania é indispensável que escolas e faculdades compreendam a importância da competência informacional e a unifiquem em seus planejamentos de ensino e que realizem um papel de liderança, organizando pessoas e instituições para aproveitarem as chances essenciais à sociedade da informação.

Deste modo, a competência informacional faz parte de um método que se edifica conjuntamente com os professores e com as instituições de ensino, auxiliando-os a obter as suas metas em semelhança à formação de pessoas e ao seu desenvolvimento como profissionais e cidadãos, uma vez que “[...] é algo trabalhado consecutivamente, ressaltando, explicando, partilhando, interrogando, formando críticas, hipóteses e explicações” (CAVALCANTE, 2006, p. 57).

Portanto, indivíduos que têm competência informacional são aqueles que aprenderam a aprender. Esses indivíduos sabem como aprender e compreender como a informação está estabelecida, bem como localizar informação e como utilizar a mesma, de tal maneira que outros possam aprender com ela.

Conforme Kuhlthau (1996, p. 154), “usuários adequados em informação estão dispostos para dedicar-se nas capacidades informacionais e de uso de biblioteca ao longo de sua vida”. Quer dizer, um indivíduo adequado em informação domina as habilidades imprescindíveis para desenvolver o método de pesquisa.

Segundo Farias e Vitorino (2009, p. 10) “a capacidade informacional, na verdade, é vastamente aprendida como uma arte neoliberal, que vai desde saber como utilizar os computadores e acessar a informação até a meditação crítica sobre a natureza da informação”. Portanto, sua base técnica, seu argumento social, cultural é mesmo filosófico.

Desta maneira, entende-se que a competência informacional envolve desde os processos de busca da informação para a edificação do conhecimento, pelas desenvolturas em tecnologia da informação, até o aprendizado, por meio do intercâmbio social dos sujeitos.

Assim sendo, a competência informacional está no centro do aprendizado e no decorrer da vida. Ela capacita os indivíduos em todos os caminhos da vida, para procurar avaliar, utilizar e designar a informação de forma efetiva, de maneira a alcançarem suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais. É um direito humano fundamental, em um planeta digital promover a inclusão social de todas as nações (IFLA, 2004), conforme o trecho que segue:

método consecutivo de internalização de ensinamentos conceituais, atitudinais, e de habilidades necessárias à compreensão e interação permanente com o universo informacional e a sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado no decorrer da vida (DUDZIAK, 2003, p. 28).

Então, compreende-se que competência informacional é um método contínuo, que planeja formar pessoas que estudem ao longo da vida (BUNDY, 2004). Portanto, entende-se que a competência em informação é como um conjunto de habilidades e conhecimentos que exige que os indivíduos reconheçam quando a informação é necessária e têm a capacidade de localizar, avaliar e usar efetivamente as informações necessárias.

2.1.1 Perspectivas históricas da competência informacional

O termo competência, ainda que já bastante disperso na educação e no trabalho, não é precisamente novo. Ropé e Tanguy (1997) descrevem que o seu uso nos discursos sociais e científicos é relativamente atualizado e, deste modo, nos induz a questioná-lo. O que acontece, de fato, é que as ciências sociais várias vezes discutem realidades já nomeadas, “sem provocar os atos de constituição de tais conhecimentos, adotado por objeto, deixando de

analisar o espaço que as palavras ocupam na construção dos fatos sociais” (VITORINO; PIANTOLA, 2009, p. 3).

O conceito de competência foi por vezes influenciado pela sua utilização no campo da gestão organizacional, gerando variadas conotações que podem ser reunidas em duas grandes correntes: a da literatura americana e a da literatura francesa. Os autores norte-americanos tratam a competência como um estoque de qualificações que credencia o exercício de determinado trabalho (normalmente associadas a demandas de determinados cargos); e os autores franceses associam a competência às realizações das pessoas em determinados contextos (agregação de valor – produção no trabalho independente do cargo) (CARBONE et al., 2005).

Na abordagem americana, McClelland (1973 *apud* MIRANDA, 2006) revela que começou a estruturar o conceito de competência na década de 1970, questionando os testes de aptidão intelectual, comuns nos EUA, como forma de avaliar desempenho profissional. Portanto, a competência profissional é um processo de ativação de recursos, de reunião de condições favoráveis à realização e de superação dos possíveis obstáculos. É a tomada de iniciativa e o assumir responsabilidade, por parte do indivíduo, sobre problemas e eventos que ele enfrenta em situações profissionais, referindo-se a recursos que possuímos ou adquirimos e que sabemos como colocar em ação em uma situação prática.

Já a visão francesa surgiu do questionamento do conceito de qualificação, bem como o processo de formação técnica, visto que com a grande insatisfação com o descompasso que se observava nos trabalhadores, houve a necessidade de aproximar o ensino às necessidades reais e das empresas. Que dessa maneira era possível aumentar a capacidade de aprendizado e consequentemente as chances de se empregarem. Assim buscavam estabelecer um paradigma entre a capacidade de aprender e suas competências reais (FLEURY; FLEURY, 2001).

Entretanto, nas últimas décadas, pode-se averiguar que a competência informacional tornou-se uma opinião central para os estudos das mais diversas áreas, e sua aceção continua a ser objeto de estudo.

Ward (2006, p. 398) afirma que “a informação de competência informacional não é estática e limitada, mas conforma com uma opinião dinâmica que persiste a crescer para incorporar uma gama cada vez maior de agilidades necessárias aos indivíduos”.

Deste modo, o alto número de atividades produtivas em torno da informação é um dos pretextos que tornam a sociedade da informação complexa. Contudo, percebe-se que a informação, está ligada a todos os campos que envolvem a sociedade, comprometendo direta ou indiretamente o dia-a-dia e a maneira de agir das pessoas. Assim, é considerada a principal

riqueza do século, de modo que adequar-se a ela e modificá-la é um dos principais desafios da atualidade.

2.1.1.1 A educação de usuários como antecedente da competência informacional

O desempenho educativo da biblioteca torna-se visível com a aparição do “serviço de referência” (*reference service*) e aumenta com a introdução da “educação de usuários”, conjunto de prestações que, ao oposto do serviço de referência, proporcionam uma característica proativa, por meio de ações planejadas de uso da biblioteca e de seus recursos. No entanto, até a década de 1950, o ensino de usuários praticamente não existia nas bibliotecas escolares americanas. Estas trabalhavam como local de estudo para os alunos, consagrando os bibliotecários a realizar apenas o serviço de referência.

O tema da educação de usuários iniciou-se ao ganhar relevância para os bibliotecários, quando estes perceberam que o ensino fundamental e médio não propiciava uma formação adequada para a efetivação de pesquisas bibliográficas (BELLUZZO, 1989 *apud* MATA, 2009), o que ainda se constata. O fato foi advertido mediante a dificuldade dos estudantes de graduação e pós-graduação na realização de atividades de pesquisa na biblioteca.

No começo da década de 50, passa a existir o serviço chamado de *bibliographic instruction*, e, sem equívoco, o termo decide com exatidão seu objetivo principal: ensinar o leitor no uso da coleção, habilitando-o a manejar fontes de conhecimento avaliadas apropriadas e relevantes para a aprendizagem de certo tema do currículo. “Essa etapa da educação de alunos assinalou-se como abordagem da fonte ou foco na coleção” (STRIPLING, 2007, p. 633).

Em 1960, as normas para as bibliotecas escolares da *American Association of School Librarians* (AASL) mantiveram o foco na coletânea, lembrando que a instrução do uso dos materiais da biblioteca fosse feita não solitariamente, mas ligada às disciplinas do currículo. A biblioteca era inspirada pelos ensinamentos educacionais que privilegiavam procedimentos de aprendizagem dinâmicos e centrados no aluno e que aceitavam o ambiente do ensino verbalista centrado no educador. Essas suposições instigaram a atuação dos bibliotecários, que entendiam que a biblioteca tinha apoio admirável a dar no apoio às novas táticas de ensino (DUDZIAK, 2003).

Conforme Mata (2009), a partir da década de 1970 foram instituídas comissões e instituições nos Estados Unidos, interessadas na discussão a respeito da educação dos alunos. Trata-se, de modo inclusivo, das instituições que pesquisam e promovem eventos e atividades

variadas para envolver os profissionais do conhecimento ao tema da aptidão informacional, como a *American Library Association (ALA)*, a *Association of College and Research Libraries (ACRL)* e a *Library Orientation Exchange (LOEX)*. De acordo com Pasquarelli (1996, *apud* MATA, 2009), não somente os Estados Unidos tiveram sua precaução voltada para a educação dos usuários, mas diversos países também, dentre os quais a Inglaterra, o Canadá, a França e a Alemanha.

Em 1976, o termo competência informacional passa a existir em expectativa diferente. Dois autores utilizaram a terminação vinculada à questão da cidadania:

cidadãos adequados no uso do conhecimento apresentariam melhores condições de aceitar decisões coerentes à sua responsabilidade social. A competência informacional, ainda que não abertamente determinada, era vista como solução para os temas de extrema complicação. Aconteceriam ainda diversos anos até que o termo ficasse assimilado na sua expectativa biblioteconômica (BEHRENS, 2006, p. 310).

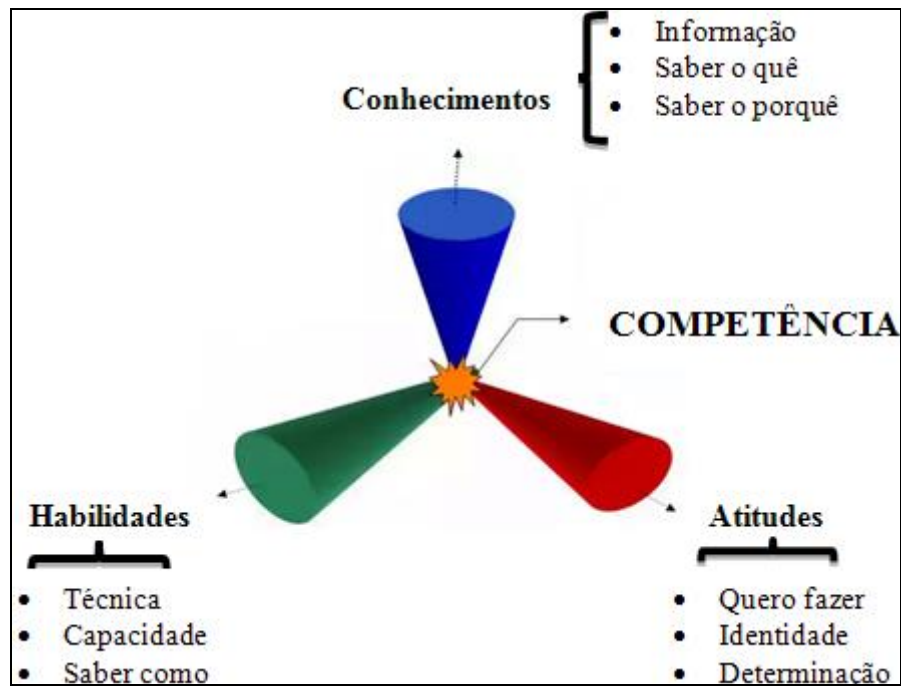
De acordo com Mata (2009) o fato de que a categoria bibliotecária brasileira tenha começado a se preocupar com educação dos alunos bastante tardiamente, décadas após diversos países, esclarece o momento pelo qual a preocupação com a aptidão informacional apareceu apenas recentemente no país. Houve um período muito amplo até tais profissionais perceberem a importância e contribuição da competência informacional, colaborando, dessa maneira, até mesmo para uma demora no ambiente educacional.

A diferença fundamental entre a educação de usuários e a competência informacional é que a primeira “tem sua origem e ênfase na biblioteca” (DUDZIAK, 2003, p. 58), ficando então, limitada ao ambiente e aos recursos ali encontrados. A segunda, a competência informacional, envolve as fontes de conhecimento disponíveis em vários suportes e guardadas em diferentes ambientes, e induz em habilidades e atitudes que as pessoas podem passar a ter no uso do conhecimento, adicionando aspectos de seu desenvolvimento e do seu aprendizado.

Deste modo, percebe-se que a competência informacional vem para completar as necessidades originadas pelo excesso de conhecimento da sociedade atual, a qual solicita que as pessoas saibam suportar e lidar com abundância informacional proporcionada pela sociedade da informação.

Como menciona Durand (2000 *apud* BRANDÃO; GUIMARÃES 2001, p. 10) a competência informacional tem como foco formar os indivíduos independentes para lidar com qualquer contexto informacional, como mostra a Figura 1, com três dimensões interdependentes.

Figura 1. As três Dimensões da Competência.



Fonte: Durand (2000 *apud* BRANDÃO; GUIMARÃES, 2001 p. 10).

Para Dudziak (2001, p. 61) as pessoas competentes em informação têm alguns atributos: reconhecem sua necessidade; sabem como e onde achar a informação; sabem avaliar e selecionar as informações mais relevantes; sabem organizar a informação criando novas ideias e interpretações; e, sabem usar a informação para a construção de conhecimentos importantes para o bem comum.

2.1.2 Surgimento da competência informacional no Brasil

No Brasil, os exemplos das competências informacionais iniciaram com a reforma educacional elaborados com a Lei 9394/96 e a ordem de regulamentação em que se menciona à educação profissional, no decreto de lei 2208/97 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional, concretizadas no Parecer nº 16/99, e na Resolução nº 04/99, bem como nos Currículos Nacionais para a Educação Profissional (DELUIZ, 2001 *apud* PERUCCHI; SOUZA, 2011).

Portanto, segundo Perucchi e Sousa (2011), a fundação nos planos e programas de educação profissional tem acontecido de modo diferenciado, devido aos seguintes fatores: a ênfase imposta ao foco no mercado de trabalho, na pessoa ou ainda, a articulação ou desarticulação entre desenvolvimento geral e desenvolvimento profissional.

De acordo com Belluzzo (1989), no Brasil, o principal programa de direção bibliográfica foi preparado em 1955 pela bibliotecária Terezine Arantes Ferraz, da Universidade de São Paulo (USP), induzindo o nome de Pesquisa Bibliográfica. Após isso, vieram várias iniciativas em diversas áreas e instituições, como a oferta de disciplinas específicas de Orientação Bibliográfica. Ocorreu também a criação de manuais específicos e a publicação dos relatos de conhecimentos por meio de periódicos da disciplina. Destaca-se que estas iniciativas ficaram voltadas para instituições do ensino superior.

O termo competência informacional foi usado inicialmente no Brasil por Caregnato (CAREGNATO, 2000 *apud* Campello, 2003), que o manifestou como “alfabetização informacional”. A ideia, neste tempo inicial do estudo no Brasil, era aumentar a atuação do bibliotecário na escola e “proporcionar novas possibilidades informacionais precisas para interagir no espaço digital” (CAMPELLO, 2003, p. 28).

Campello (2006) considera ter sido a culpada pela tradução do termo *information literacy*, para capacidade informacional em 2002, “na expectativa da biblioteca escolar, em documento que sinalizava para a possível consideração como catalisador das mudanças do papel da biblioteca em face das exigências da educação do século XXI”.

Sendo assim, em termos de literatura nacional Melo e Araújo (2007, p. 11) mencionam diferentes estudos:

Dudziak (2003) menciona como exemplo de projetos brasileiros para a capacidade informacional: o PROESI e mais dois programas desenvolvidos na USP. Mais uma iniciativa respeitável é o prêmio Carol Kuhlthau, oferecido pela Escola de Ciência da Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esta é uma ação essencial e pioneira com semelhança ao estímulo da publicação de métodos de *Information Literacy Education* em bibliotecas escolares brasileiras. No campo das pesquisas, temos conhecimento dos trabalhos de Santos (2006), Rocha (2012) e Silva (2006). O trabalho de Santos (2006) trata-se da diferenciação das capacidades informacionais ampliadas por bibliotecários que operam em bibliotecas de Instituições Federais de Educação Superior situadas na região nordeste do Brasil, junto ao Portal Periódico - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. O trabalho de Rocha (2012) trata da assimilação de aptidões informacionais de bibliotecários agentes em bibliotecas de universidades privadas na cidade de João Pessoa/PB. O trabalho de Silva (2006) identifica as aptidões informacionais exigidas por alunos concluintes do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Estas pesquisas fazem parte dos empenhos do grupo de pesquisa *Usos e Impactos da Informação* em desenvolver teorias e aproveitamentos sobre a temática da competência informacional.

Analisando as condições para a ampliação da aptidão informacional no Brasil, Dudziak (2003, p. 32), sugere que:

o alicerce de uma cultura do conhecimento é sua democratização, contra abertura de canais diretos de comunicação e respeito às leis, processos, dados, eventos e resoluções que comprometem a comunidade. Telas de comunicação e informação

precisam abranger administradores, docentes, bibliotecários, técnicos, funcionários e estudantes, em seus mais variados graus organizacionais, como qualidade essencial, de maneira que se rescindam os nós que tradicionalmente prendem as instituições e se abram caminhos para as modificações.

No entanto, ao contrário de não existir nenhum esforço, nenhum empenho governamental citado na literatura relacionada, apontando oficializar programas de desenvolvimento de competência informacional, depara-se com as agilidades de competência informacional como membro dos itens aferidos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), no ano de 2006. Este exame é usado como apoio na seleção para o projeto Programa de concessão de bolsas de estudo em cursos universitários em universidades particulares (PROUNI) e solicitou, na ocasião, o desenvolvimento de competências como segue:

II - Construir e aplicar opiniões das diversas áreas da noção para a concepção dos fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas [...] III – nomear, organizar, relacionar, interpretar dados e conhecimentos representados de diversas formas, para tomar decisões e encarar situações problema [...] IV – catalogar informações representadas em diversas formas, e noções disponíveis em situações reais, para erguer argumentação consistente [...] V – recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para a elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e analisando a dessemelhança sociocultural [...] II – Entender a proposta de redação e cultivar conceitos das múltiplas áreas de informação para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo [...] III – selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista [...] V – elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, demonstrando respeito aos direitos humanos (BRASIL, 2006).

Nota-se que cada aptidão listada pode ser incluída nas habilidades que compõem a aptidão informacional. Contudo, a deficiência de programas nacionais de acréscimo da competência informacional torna complicado o pleno desenvolvimento e uso destas agilidades.

2.2 O INDIVÍDUO COMPETENTE INFORMACIONAL

Vários modelos e padrões vêm sendo desenvolvidos, a fim de sensibilizar e capacitar indivíduos a serem competentes em informação. A pessoa adequada informacional reuniria tanto as aptidões primeiramente prognosticadas pelos bibliotecários, quanto uma expectativa crítica em relação ao conhecimento e à informação; ainda, ao seu próprio tempo, na nota em que comportaria uma percepção mais compreensiva de como nossas vidas são moldadas pela informação.

Sendo assim, o conceito e o papel social da competência informacional que seria muito mais do que uma reunião de habilidades para acessar e empregar adequadamente a informação, passaria a funcionar como uma ferramenta essencial na construção e manutenção de uma sociedade livre, verdadeiramente democrática, em que as pessoas fariam escolhas mais conscientes e seriam capazes de efetivamente definir o curso de suas vidas (VITORIANO; PIANTOLA, 2009).

A Declaração de Alexandria a propósito da competência informacional e aprendizado ao longo da vida um documento preparado no ano de 2005 em colóquio efetivado na Biblioteca de Alexandria, ratifica os elementos de democratização e justiça social inerente à competência informacional ao garantir que:

[...] a competência informacional está no centro do aprendizado no decorrer da vida [...] o aprendizado de toda a vida prepara as pessoas, as comunidades e as nações a alcançar suas metas e a aproveitar as oportunidades que aparecem no ambiente global em desenvolvimento para um benefício compartilhado. Auxilia-os e seus estabelecimentos a afrontar os desafios tecnológicos, econômicos e sociais, para reverter à desvantagem e incrementar o bem-estar de todos.

A partir dessa declaração de Alexandria, Jacobs (2008) ressalta que, tendo em vista que a aptidão informacional age dentro de um contexto sociopolítico, é também ela direcionada politicamente. De tal modo, ao limitar o potencial da aptidão informacional a leis e diretrizes, arriscar-se-ia minimizar, quando não negar, a natureza política que lhe é essencial.

Por estabelecerem processos de caráter sociopolítico, a produção, a disseminação e o jeito da informação estão fortemente ligados ao abarcamento de pessoas em uma comunidade, não podendo ser descritos a partir do afastamento (HARRIS, 2008). Como assegura Harris (2008), os procedimentos de criação, localização, avaliação e o modo da informação nos mais diversos suportes e formatos não ocorrem no vácuo, bem longe dos assuntos da comunidade, onde significados e valores estão em jogo. Nesse significado, o autor observa que várias regras para o aumento da competência informacional desconhecem a influência da inter-relação entre os componentes da comunidade em que as pessoas estão inseridas nos processos informacionais.

Todavia, com resultado, enquanto vários pesquisadores dedicam-se profundamente à preparação e à prática de normas e programas para o desenvolvimento de agilidades relacionadas à competência informacional, diferentes grupos chegam procurando refutar a ideia de que uma pessoa possa se tornar adequada em informação apenas mediante critérios uniformemente instituídos. Reece (2007, p. 482) observa que o conceito de competência

informacional aumentou de maneira a “compreender agilidades cognitivas abstratas cada vez mais complicadas, as quais submergem uma visão crítica de mundo”. Compreende que para a autora, a competência informacional é uma forma de pensamento crítico aplicado ao domínio da informação.

2.2.1 Modelos de competência

Os modelos para o desenvolvimento da competência informacional consistem na descrição de um processo cognitivo de aquisição de habilidades e conhecimentos relacionados à informação a partir de observações realizadas em um contexto determinado, visando estabelecer um esquema que possa ser imitado ou seguido. Assim, tendo em vista os inúmeros modelos de competência, a partir dos próximos tópicos são percorridos e expostos os principais modelos, *Information Search Process (ISP)*, *The Big Six*, *The Seven Pillars* e *Association of College and Research Libraries (ACRL)*.

2.2.1.1 Information Search Process (ISP)

O modelo do *Information Search Process (ISP)* descreve a experiência dos usuários no processo de busca da informação como uma série de pensamentos, sentimentos e ações. Pensamentos que começam como incertos, vagos e ambíguos, tornam-se mais claros, mais focados e específicos, conforme o processo de pesquisa progride. Sentimentos de ansiedade e dúvida se tornam mais confiantes e certos. Por meio de suas ações, as pessoas buscam informações relevantes para o tópico geral nos estágios iniciais do processo de pesquisa e pertinentes ao tema focado em direção ao encerramento. Formulação de um foco ou uma perspectiva pessoal sobre o tema é um ponto crucial no processo de busca (KUHLTHAU, 2007).

Verificou-se o modelo em estudos de caso longitudinais e estudos de grande escala de diversas amostras de usuários de bibliotecas. Outros estudos examinaram a implementação de uma abordagem de processo em contextos de educação e investigaram o ISP no local de trabalho.

Segundo Fialho (2013) o ISP descreve experiências comuns no procedimento de busca de informação para uma tarefa difícil, que tem um início discreto que promove a constituição importante e aprende a ser realizado. Portanto, o modelo expõe um processo de pesquisa em que uma pessoa está à busca de significado no curso de busca de informações. Do ponto de

vista do usuário, o objetivo fundamental de buscar informações é para desempenhar a tarefa que começou a pesquisa, não somente a coleta de informações como um fim em si mesmo.

De acordo com Blank e Gonçalves (2013, p. 7) o modelo do (ISP) de autoria da bibliotecária norte-americana Carol Kuhlthau e publicado no ano de 1996, é articulado em uma visão holística de busca por informação a partir da perspectiva do usuário em seis etapas:

Início, a busca se inicia por meio de uma tentativa de satisfazer e reconhecer uma necessidade de informação. Segundo Kuhlthau (1996) é nesta fase que o usuário busca informação por tópicos de acesso ao assunto de interesse e por isso se faz necessária a relação do mesmo com um profissional especializado.

Seleção, quando um tópico ou problema é identificado, muitas vezes dá lugar a uma breve sensação de otimismo e de prontidão para iniciar a pesquisa.

Exploração é um processo de exaustividade, onde o usuário busca por informações pertinentes a sua área de interesse, com aumento de dúvidas devido a grande quantidade de informações encontradas.

Formulação, nessa fase o indivíduo diminui suas incertezas e aumenta o estado de compreensão e confiança, delimitando seu foco de pesquisa e agregando novas informações, analisando se a mesma é pertinente ou não à sua pesquisa.

Coleta é nessa fase que o usuário tem seu foco definido, selecionando, organizando e reunindo apenas as informações relevantes ao seu tópico de interesse.

Apresentação, essa é a fase conclusiva, onde serão apresentados os resultados obtidos na sua pesquisa. Nessa fase o usuário adquire sentimentos de conforto, desconforto, satisfação ou insatisfação, dependendo do produto alcançado.

O quadro abaixo evidencia uma visão do ISP, mostrando os estágios em que é composto e os seus referidos elementos que são os sentimentos, as ações, pensamentos e finalmente, a tarefa identificada por Kuhlthau (1991) como adequada a cada etapa:

Figura 2. Processo de Busca *Information Search Process* (ISP).

Estágios no ISP	Sentimentos a cada estágio	Pensamentos a cada estágio	Ações a cada estágio	Tarefas Apropriadas
1. Iniciação	Incerteza	Geral / Vago	Busca de informações pré-existent	Reconhecimento
2. Seleção	Otimismo			Identificação
3. Exploração	Confusão, frustração/ Dúvida		Busca de informação relevante	Investigação
4. Formulação	Clareza	Direcionado / Claro		Formulação
5. Coleta	Senso de direção/ Confiança	Aumento de Interesse	Busca de informação	Conexão
6. Apresentação	Alívio/ Satisfação ou Desapontamento	Claro ou Focado		Complementação

Fonte: Kuhlthau (1991, p. 363, tradução nossa).

Kuhlthau (1991) ressalta ainda que o processo de busca de informação é interativo e cada estágio pode ser associado a estados cognitivos e afetivos. Acredita-se que, nessa perspectiva, alguns estágios são mais difíceis para determinados estudantes do que para outros.

2.2.1.2 *The Big Six*

Um dos principais modelos de competência informacional é o "Big 6", desenvolvido nos Estados Unidos por dois bibliotecários, Mike Eisenberg e Bob Berkowitz (SAYERS, 2006).

Conforme Xavier (2013, p. 50-51) o modelo Big 6 é composto por seis etapas fundamentais de resolução de problemas, sob cada uma das quais estão agrupadas as ações correspondentes:

1. Definição da tarefa - definir o problema da informação e identificar a informação necessária;
2. Estratégia de busca da informação - determinar todas as possibilidades de fontes e selecionar as melhores fontes;
3. Localizar e acessar - localizar fontes (intelectualmente e fisicamente) e encontrar informações dentro das fontes;
4. Uso da informação - dedicação (isto é, ler, ouvir, ver, tocar) e extrair a informação relevante;
5. Síntese - organizar as múltiplas fontes e atualizar a informação
6. Avaliação - julgar o produto (efetividade) e julgar o processo (eficiência).

Portanto, o modelo estabelece um procedimento sistemático de resolução de problemas da informação amparado nos processos cognitivos, o qual tem como desígnio capacitar os alunos para saberem a lidar com qualquer problema, decisão ou tarefa.

2.2.1.3 *The Seven Pillars*

Em 1999, o grupo de pesquisadores em competência informacional da *Society of College, National and University Libraries* (SCONUL) apresentou o modelo *Seven Pillars*. A SCONUL é uma associação que envolve as principais instituições de ensino superior do Reino Unido e da Irlanda, bem como as suas bibliotecas. Ela objetiva promover a qualidade nos serviços prestados pelas bibliotecas da região. O modelo *Seven Pillars* é formado por um conjunto de sete habilidades, a fim de possibilitar o desenvolvimento da competência informacional nos indivíduos.

Santos (2011, p. 55-56) descreve as habilidades do modelo *Seven Pillars*:

1. Reconhecer a necessidade informacional - O reconhecimento da necessidade informacional é indispensável no processo de recuperação e uso da informação, pois envolve os fatores de motivação do usuário para solucionar determinada lacuna informacional.
2. Distinguir formas de preencher as lacunas - O preenchimento da lacuna informacional pode estar comprometido, caso os usuários não saibam utilizar os diferentes tipos de suportes informacionais e selecionar as fontes potenciais de informação.
3. Construir estratégias de localização - O conhecimento dos princípios de construção e funcionamento das bases de dados permite que o usuário desenvolva estratégias para localizar a informação.
4. Localizar e acessar - O desenvolvimento de técnicas de pesquisa adequadas, como o uso dos operadores booleanos (OR, AND, NOT), é pressuposto básico para a localização da informação. Nesse contexto, as habilidades referentes ao uso das tecnologias da informação e comunicação potencializam a capacidade humana de buscar e recuperar a informação.
5. Comparar e avaliar - O usuário deve verificar se as informações recuperadas correspondem à sua necessidade informacional.
6. Organizar, aplicar e comunicar - A agilidade na recuperação da informação depende da sua organização. Nesse sentido, a elaboração das referências bibliográficas permite a verificação das fontes consultadas.
7. Sintetizar e criar - A capacidade criativa do usuário possibilita a construção de novas ideias, a partir das informações assimiladas. Além das habilidades, a figura 5 demonstra o contraste existente entre os usuários que possuem competências básicas e aqueles competentes em informação.

É imprescindível ressaltar que a sustentação do modelo *Seven Pillars* está nas habilidades fundamentais relacionadas ao uso das bibliotecas e das tecnologias da informação (FAGUNDES, 2011). No entanto, em abril de 2011, o modelo *Seven Pillars* foi atualizado para acompanhar a dinamicidade e a complexidade do conceito de competência informacional. Ressalta-se que as habilidades básicas inerentes ao modelo inicial permanecem válidas.

Portanto, Santos (2011) menciona que a versão atualizada do *Seven Pillars* envolve as seguintes habilidades ligadas à informação: reconhecer, localizar, planejar, reunir, avaliar, gerenciar e apresentar. A finalidade de cada habilidade não se distancia do modelo original. A principal diferença está na forma circular do modelo, pois demonstra que o processo de desenvolvimento da competência informacional é contínuo e não linear. O indivíduo competente em informação está localizado no centro do círculo, a fim de verificar a relação existente entre as suas experiências pessoais e o desenvolvimento de cada habilidade.

2.2.1.4 Association of College and Research Libraries (ACRL)

Há uma preocupação constante em mostrar que a fluência em tecnologia é apenas um dos componentes da competência informacional. Segundo Campello (2005) no documento da

Association of College and Research Libraries (ACRL), que define os padrões de competência informacional para o ensino superior, essa fluência é considerada como estrutura intelectual para compreender, encontrar, avaliar e usar informação, atividades que podem ser realizadas em parte pela fluência em tecnologia, ou por meio de métodos de pesquisas sólidas, mas principalmente mediante discernimento e raciocínio.

O Grupo de Trabalho da ACRL expõe as mudanças observadas no ambiente acadêmico e científico. As práticas e a literatura confirmam que o papel dos profissionais da informação está mudando rapidamente, impulsionado pelo ambiente digital, e este é um movimento considerado sem volta.

Os autores do estudo afirmam que cada bibliotecário que atua em um ambiente acadêmico é considerado um professor, e todas as funções da biblioteca acadêmica sofreram impactos e foram alteradas pela mudança da natureza da comunicação acadêmica e a evolução da disseminação do conhecimento. Portanto, cada bibliotecário tem um papel no ensino, seja formal ou informalmente, relacionado à comunicação acadêmica e científica.

Segundo Arduini (2013) a ACRL (2000), em seu terceiro padrão, descreve que saber avaliar informações é saber determinar se a informação recuperada satisfaz a pesquisa ou se é potencial para sanar outra necessidade informacional.

Mata e Casarin (2011, p. 5) explicam que os padrões da ACRL estão estruturados em cinco eixos, vinte e dois indicadores de desempenho e os resultados esperados. A seguir os padrões são apresentados:

1. Determinar a natureza e o nível de sua necessidade de informação;
2. Acessar a informação necessária eficaz e eficientemente;
3. Avaliar a informação e suas fontes de forma crítica e incorporar a informação selecionada a seus conhecimentos básicos e a seu sistema de valores;
4. Utilizar a informação eficazmente para alcançar um propósito específico;
5. Compreender muitos problemas e questões econômicas, legais e sociais que rodeiam o uso da informação e acessar e utilizar a informação de forma ética e legal (MATA; CASARIN, 2011).

No que se refere especificamente ao padrão cinco, ele tem por finalidade que o estudante compreenda e aplique em múltiplos contextos as políticas informacionais nacionais e internacionais (como os direitos autorais e o *copyright*). Tem em vista também, que ele evidencie entendimento das convenções e decorrências científicas, do mercado de comunicações como todo, das publicações que não têm como implicação a geração de lucros, da influência mútua ética em meio à informação e tecnologia; e que distinga os efeitos sociais essenciais aos sistemas e à produção da informação (FRANÇOIS, 2006).

2.2.1.5 Comparativo dos modelos

Como observado vários modelos e padrões vêm sendo desenvolvidos, a fim de sensibilizar e capacitar indivíduos a serem competentes em informação. Portanto, o valor e a produtividade do trabalho passaram a ser medidos sob novos critérios, exigindo cada vez mais dos profissionais a busca pelo desenvolvimento de suas competências para lidar com os produtos informacionais. O atual desafio das organizações é transformar informação em conhecimento.

Vê-se que o modelo **ISP** é voltado a entender o comportamento de indivíduos em processos de busca de informação levando em consideração aspectos cognitivos (pensamentos); afetivos (sentimentos) e físicos (ações). Assim ele é centrado no usuário e se divide em seis estágios (iniciação, seleção exploração, formulação, coleta e apresentação).

O modelo dos sete pilares da competência informacional – **Seven Pillars Model for Information Literacy** – fornece uma estrutura prática e robusta com a qual é possível identificar e examinar as habilidades necessárias para ser um cidadão competente em informação.

Deste modo, os sete pilares compreendem o conjunto de habilidades ligadas à capacidade de localizar e acessar a informação, bem como as habilidades referentes ao uso da informação. Destaca-se que o primeiro pilar consiste em o indivíduo saber o que é conhecido, saber o que não é conhecido e identificar as lacunas. O segundo pilar está relacionado à capacidade de identificar as fontes apropriadas de informação, a fim preencher a lacuna identificada (necessidade da informação). O terceiro aborda a habilidade de desenvolver e aperfeiçoar uma estratégia de busca eficaz.

O quarto pilar implica em saber como acessar fontes de informação e utilizar ferramentas de busca para acessar e recuperar informações. O quinto enfatiza a capacidade de saber avaliar a relevância e qualidade das informações recuperadas. O sexto se refere à habilidade de saber como associar novas informações às já existentes, a fim de construir ações e tomar decisões, e finalmente compartilhar os resultados dessas ações ou decisões com outros. O último pilar consiste na capacidade de assimilar informações a partir de uma variedade de fontes, a fim de criar novos conhecimentos.

O modelo **The Big Six** é composto por seis etapas fundamentais de resolução de problemas: definição da tarefa, estratégia de busca da informação, localizar e acessar, uso da informação, síntese e avaliação. Sob cada uma das quais estão agrupadas as ações correspondentes (SAYERS, 2006).

Tratando-se de padrões, vale salientar o desenvolvido pela *Association of College and Research Libraries* (ACRL) que é uma divisão da *American Library Association* (Associação de Bibliotecários Americanos) (ALA). Dedicar-se a melhorar a capacidade dos bibliotecários e profissionais da informação, a fim de servir de apoio às necessidades de informação da comunidade do ensino superior, com intuito de melhorar a aprendizagem, o ensino e a pesquisa (ACRL, 2012).

Os padrões de competência informacional da ACRL (2000) são os mais operacionalizados mundialmente. São cinco padrões, formados por 22 indicadores e 87 resultados. Além de nortear o desenvolvimento e realização de programas de competência informacional, estes padrões servem para avaliar se um estudante é competente em informação.

Figura 3. Quadro comparativo dos modelos.

Fases Modelos	1	2	3	4
ISP	Iniciação/seleção	Definição da tarefa	Reconhecer a necessidade informacional/ distinguir formas de preencher as lacunas	Determinar a natureza e o nível de sua necessidade de informação
The Big Six	Exploração/ formulação	Estratégia de busca	Construir estratégia de localização	_____
The Seven Pillars	Coleta	Localizar e acessar	Localizar e acessar	Acessar a informação necessária
ACRL	Apresentação	Uso, síntese e avaliação	Comparar, avaliar, organizar, aplicar, comunicar, sintetizar e criar	Avaliar, utilizar e compreender

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

No quadro comparativo mostrado na Figura 3 é possível entender que os três modelos exemplificados anteriormente, bem como o padrão desenvolvido pela ACRL, apresentam contextos interligados, ou seja, um complementado outro, de maneira a aprimorar a competência do profissional da informação, no caso o bibliotecário.

2.3 A FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO PARA A COMPETÊNCIA INFORMACIONAL

As novas Tecnologias de Informação e de Comunicação e a crescente valorização da informação pela sociedade geram uma necessidade de adequação dos profissionais a essa realidade (VALENTIM, 2000, p. 136). Com isso, tais profissionais se veem obrigados a modificar o seu perfil profissional e adaptar aos novos espaços de atuação.

Essa mudança de perfil pode ser percebida pela atualização dos currículos dos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil, que estão aos poucos se ajustando às exigências do mercado. E pelas competências e habilidades que o bibliotecário deve possuir atualmente para responder as demandas sociais existentes, que variam de acordo com as especificidades de cada região (VALENTIM, 2000, p. 118).

O currículo universitário do bibliotecário no Brasil é construído de acordo com as diretrizes propostas pelo Ministério da Educação (2001), no Parecer CNE/CES 492/2001, tendo as universidades autonomia para compô-lo conforme a realidade da comunidade e do mercado no qual está circunscrita. Por conseguinte, alguns cursos têm disciplinas com uma perspectiva mais humanística e outros com uma faceta mais voltada às tecnologias da informação.

A formação do bibliotecário, como salienta Tarapanoff (1997, p. 50), foi construída englobando as várias possibilidades de atuação do profissional da informação, desde a parte mais técnica e a automação até o bibliotecário como gestor, a partir de remendos e adendos ao currículo tradicional, ocasionando uma falta de padrão e até mesmo desorganização do currículo do bibliotecário.

As competências e habilidades dos graduados em Biblioteconomia, segundo o parecer CNE/CES 492/2001, dividem-se em gerais e específicas, devendo os bibliotecários conseguir entre outros pontos: determinar produtos dando início aos conhecimentos obtidos e divulgá-los, explicar as precisões de sujeitos, grupos e comunidades nos relativos campos de ação; responder às ações sociais de informação causadas pelas modificações tecnológicas que diferenciam o mundo moderno; interatuar e acrescentar valor nos procedimentos de geração, transferência e utilização da informação em todo e qualquer ambiente (VALENTIM, 2000).

As competências e habilidades do profissional da informação podem ser divididas em:

competências de comunicação e expressão, competências técnico-científicas, competências gerenciais; e competências sociais e políticas, que entre os trechos levantados, estão: esquematizar e realizar estudos de pessoas e formação de usuários da informação; desenvolver e executar o processamento de documentos em distintos suportes em unidades, sistemas e serviços de informação; nomear e avaliar todo tipo de material para as unidades de informação; administrar, governar, organizar e

coordenar unidades, sistemas e serviços de informação; justapor técnicas de marketing, liderança e de relações públicas; contribuir para definir, consolidar e desenvolver o mercado de trabalho da área (VALENTIM, 2000, p. 123).

As possibilidades de atuação do bibliotecário de acordo com Valentim (2000, p. 140) se situam nos mercados tradicionais (bibliotecas públicas, bibliotecas escolares, bibliotecas universitárias, bibliotecas especializadas e arquivos públicos), nos mercados existentes e não ocupados (editoras, livrarias, empresas privadas, provedores de internet, bancos e bases de dados) e nas tendências (centros de informação/documentação, bancos e bases de dados eletrônicos e digitais e portais de conteúdo).

Pode-se concluir que os bibliotecários devem gerar produtos e serviços informacionais, de acordo com as necessidades dos indivíduos, grupos e comunidades previamente estudadas, agregando valor e divulgando-os a partir de qualquer suporte; aplicando técnicas de marketing, liderança e de relações públicas nesse processo, além de promover a área no decorrer dessa atividade. O bibliotecário deve a partir do bom uso de suas competências, conquistar e demarcar seu espaço nesses campos, que em geral tem como alicerce a informação.

Assim, a constituição do profissional bibliotecário consiste no desenvolvimento de competências, habilidades e o domínio dos conteúdos relacionados à Biblioteconomia. Além de estar dispostos a aprenderem novas competências e desenvolver capacidades de criar diante das dificuldades do seu exercício profissional. Produzir, disseminar conhecimentos, pensar criticamente, procurar aperfeiçoamento ininterrupto e analisar os padrões éticos de comportamento também consiste em parte desse profissional. Esses profissionais também devem ser competentes para agir junto às instituições como bibliotecas, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informações, órgãos de gestão do patrimônio cultural, etc. Também, na conjunção das Diretrizes Curriculares MEC/SISU, Brandão e Guimarães (2001) sistematizam temas de estudos determinados pela Comissão de especialistas responsável pela limitação de Diretrizes, sendo estes: fundamentos de biblioteconomia, organização e tratamento da informação, gestão da informação e do conhecimento, políticas de gestão de unidades de informação, recursos e serviços de informação, tecnologias em informação e metodologia da pesquisa.

3 METODOLOGIA

O presente capítulo aborda a metodologia utilizada na elaboração do trabalho, cujo objetivo geral foi analisar a Competência Informacional dos egressos de 2014 do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. Segundo Pedron (2001), metodologia é o caminho percorrido para alcançar determinado fim, ou seja, metodologia consiste no conjunto de métodos e técnicas aplicados para atingir o objetivo.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Essa pesquisa tem como característica tanto a exploração, como a investigação de determinados fenômenos relacionados aos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. Assim, é importante destacar que o resultado final de uma pesquisa com caráter exploratório, além de esclarecer um estudo de um determinado problema, pode servir de ponto de partida para novos trabalhos sobre o tema abordado (GIL, 2010).

A pesquisa conta ainda, com uma abordagem quali-quantitativa, uma vez que foram quantificados os dados, bem como avaliadas as características qualitativas. No aspecto quantitativo, houve tratamento estatístico dos dados coletados, visando compreender o nível do desenvolvimento da competência informacional da população escolhida. E, no parâmetro qualitativo, houve interesse na busca para ampliar o entendimento de como se dá o processo de busca e uso de informações em um contexto acadêmico. Outra parte do trabalho também foi pautada em análise documental, com foco no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Biblioteconomia. O PPC consiste em um documento elaborado a partir de planejamento estratégico para que o curso tenha capacidade de fornecer ao aluno condições de aprendizado nos mais diversos eixos que compõem o curso que no caso é o de Biblioteconomia, como capacitar o aluno para planeja, pensar criticamente, desenvolver, entre outras competências.

3.2 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Nos tópicos que seguem são apresentadas algumas características sobre a Universidade Federal de Goiás (UFG) e o curso de Biblioteconomia, no qual foi realizado o estudo.

3.2.1 Universidade Federal de Goiás (UFG)

A UFG foi criada no dia 14 de dezembro de 1960 com a reunião de cinco escolas superiores que existiam em Goiânia; a Faculdade de Direito, a Faculdade de Farmácia e Odontologia, a Escola de Engenharia, o Conservatório de Música e a Faculdade de Medicina. A partir desta data, Goiás passou a formar seus próprios quadros profissionais e a não depender de mão-de-obra qualificada vinda de outras regiões do país. Para os jovens goianos isso significou oportunidade de formação profissional e intelectual em uma instituição pública, gratuita e de qualidade. Foi um marco na história do Estado (Universidade Federal de Goiás - UFG, 2014).

De acordo com Melo (2008) a UFG constitui-se em uma instituição pública de ensino superior com sede em Goiânia, capital do Estado de Goiás. Sendo uma autarquia federal, goza de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, conforme estabelecido na Constituição Federal Brasileira.

No entanto, essa vitória da sociedade goiana foi antecipada por um processo que exigiu grandes esforços por parte de professores e estudantes daquele período. Em 1959, os docentes das cinco escolas que instituíram a UFG na sua fundação desenvolveram a “Comissão Permanente para a Criação da Universidade do Brasil Central”, presidida pelo professor Colemar Natal e Silva, então diretor da Faculdade de Direito de Goiânia. O objetivo da comissão era formular um projeto de criação da universidade e entregá-lo ao Congresso Nacional.

De acordo com o site da UFG (2014), em paralelo à mobilização dos professores, os estudantes goianos promoveram um movimento vigoroso pela criação de uma universidade pública, a ser mantida pelo governo federal. Eles criaram, em abril de 1959, a Frente Universitária Pró-Ensino Federal, que promoveu reuniões, audiências e debates com autoridades em assembleias ou congressos estudantis, e organizaram passeatas e comícios reivindicatórios.

Assim, o projeto dos professores foi elaborado e, acrescido de colaborações dos parlamentares goianos, transformou-se em lei no Congresso Nacional. A assinatura do decreto foi feita presidente Juscelino Kubitschek, no dia de 18 de dezembro de 1961, em uma cerimônia realizada na Praça Cívica que reuniu milhares de pessoas, demonstrando o anseio da população de Goiás pela criação da universidade. A aula inaugural ocorreu no ano seguinte, no dia 07 de março, em solenidade que lotou o Teatro Goiânia (UFG, 2014).

Contudo, o passo seguinte foi instituir um projeto pedagógico para a instituição. Para isso, a UFG realizou a “Semana de Planejamento”, que reuniu expositores e personalidades importantes da área cultural e pedagógica do país, como os sociólogos Darcy Ribeiro e Ernesto de Oliveira Júnior. Após várias discussões, ficou decidido que a UFG deveria superar o modelo clássico de ensino que vigorava no Brasil para se aproximar mais da realidade contemporânea mundial.

Nesta visão, “a instituição deveria ser um centro de transformação pedagógica, cultural, social e política, inspirada na cultura e sem concepção ideológica pré-concebida”, segundo palavras do então reitor Colemar Natal e Silva. A materialização dessa ideia foi a intensificação da vida cultural da universidade e uma maior integração entre estudantes, professores e a comunidade.

3.2.2 O curso de biblioteconomia da UFG

Em 1980 foi criado o curso de Biblioteconomia da UFG, vinculado ao Departamento de Comunicação Social do Instituto de Ciências Humanas e Letras. Em seguida, com a composição administrativa e acadêmica, o Departamento de Comunicação Social passou a ser designado de Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (FACOMB) (MELO, 2008).

Entretanto, laboratórios e a equipe docente foram estruturados com o auxílio da instituição e perante a organização de alunos e professores. Assim, depois de cinco anos o curso de Biblioteconomia da UFG foi reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC), no dia 2 de julho de 1985.

Segundo Melo (2008) o corpo docente atual do curso de graduação de Biblioteconomia é constituído por 13 professores em meio a Mestres e Doutores; efetivos e substitutos com carga horária de trabalho de 40h (dedicação exclusiva) e 20h semanais. Hoje de acordo com o site da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia conta com doze professores estatutários, entre adjuntos e assistentes.

O curso de Biblioteconomia da UFG prepara profissionais para atuarem no planejamento, geração, organização e recuperação da informação registrada em diversos formatos, como impressa, eletrônica ou digital. O projeto pedagógico do curso é organizado em aproximadamente 2.800 horas, distribuídas em disciplinas obrigatórias e atividades complementares (UFG, 2015).

Em meio às disciplinas específicas do curso, encontram-se as de natureza teórica e prática, que podem acontecer em salas de aulas e em laboratórios de informática. Conforme o

Projeto Político Pedagógico do curso (PPC), o estudante de graduação desenvolve competências para pensar, planejar, desenvolver e manter bancos de dados locais ou em redes, bem como para atuar em ambientes culturais, empresariais e educacionais (UFG, 2015).

3.3 UNIVERSO E AMOSTRA DA PESQUISA

Segundo Marconi e Lakatos (2003) o universo da pesquisa é determinado como um conjugado de pessoas que compartilham de pelo menos, uma particularidade em comum. Dessa forma, o universo dessa pesquisa foi constituído pelos 22 alunos concluintes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, no ano de 2014.

Por meio do procedimento de amostragem, o pesquisador procura conclusões de sua amostragem para a população total. A amostra foi escolhida de forma aleatória, para que não houvesse vício de pesquisa, e teve por base 11 alunos, o que de fato correspondia exatamente a 50% do universo.

A escolha pelos egressos do curso de Biblioteconomia justifica-se pelo fato de que os graduados acabam de sair do âmbito acadêmico para atuar como profissionais bibliotecários em um universo profissional, desenvolvendo assim, técnicas e aplicando-as conforme habilidades adquiridas na graduação.

3.4 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

A técnica de coleta de dados utilizada nesta pesquisa foi o questionário e a análise do PPC do curso. O sistema de coleta utilizado foi um formulário composto de perguntas abertas e fechadas, as quais foram respondidas pelos participantes da pesquisa. Tal questionário foi elaborado de forma objetiva, limitado e esclarecendo a finalidade da sua aplicação, ressaltando do mesmo modo, a importância da cooperação do participante na finalização e participação na pesquisa.

Para a elaboração do questionário, utilizou-se como embasamento o trabalho de Mata (2009), que verificou a competência informacional dos alunos de Biblioteconomia da Região Sudeste do Brasil, com enfoque nos processos de busca e uso ético da informação. Utilizou-se também o questionário elaborado por Lopes e Pinto (2012), chamado de IL-HUMANS, no qual os pesquisados deveriam se auto avaliar em uma escala de 1 à 9 em três níveis: motivação-compromisso, auto eficácia e fonte de aprendizagem.

Para atender as necessidades da pesquisa, o questionário foi modificado e adaptado para melhor entendimento das questões visando a caracterização e a avaliação da competência informacional. As questões foram agregadas em 6 blocos, como segue:

Tabela 1. Representação do questionário sobre Competência Informacional de acordo com seus blocos.

BLOCO	QUESTÕES
Caracterização dos pesquisados	1 a 3
Necessidade de informação	4 a 5
Estratégias de busca	6 a 7
Manipulação das fontes de informação	8 a 9
Avaliação e organização das fontes	10 a 15
Níveis de competência informacional	16 a 18

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

A coleta de dados foi realizada no período de 15 de dezembro de 2015 a 10 de janeiro de 2016, mediante questionário disponibilizado via correio eletrônico, tendo sido desenvolvido na ferramenta Google Docs¹. Foram enviados 22 e-mails, tendo sido retornadas 11 respostas, o que corresponde a 50 % do universo amostral.

3.4.1 Pré-teste

Antecedendo a coleta propriamente dita, foi aplicado um pré- teste para revisar a eficiência do questionário. O pré-teste foi realizado no dia 08 de dezembro de 2015, o questionário foi enviado por e-mail para 02 alunos concluintes sendo 01 homem e 01 mulher.

No pré-teste, foi identificados algumas falhas, por exemplo: as questões com mais de uma alternativa não permitiam marcar; e algumas respostas não estavam sendo enviadas. Os erros foram relatados pelos respondentes e tais falhas foram solucionadas.

As sugestões feitas pelos respondentes foram levadas em consideração e o questionário revisto. Todas as questões foram avaliadas novamente para facilitar o entendimento do pesquisado sem prejudicar o alcance dos objetivos propostos.

¹ Ferramenta que possibilita a criação de documentos, planilhas e apresentações online. Disponível em: <https://www.google.com/google/documentsforms/>.

3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados pelo questionário foram tabulados em uma planilha Excel e apresentados por meio de métodos estatísticos (gráficos e tabelas), e de instrumentos computacionais, os quais foram utilizados para facilitar a interpretação e análise dos dados. O questionário subjetivo foi avaliado e discutido de acordo com as repostas propostas pelos entrevistados, visto que houve cuidado para não ocorrer nenhuma alteração nos dados fornecidos pelo questionário.

A análise quantitativa deu-se a partir das respostas às questões fechadas do questionário. A análise qualitativa deu-se a partir das informações referentes às questões abertas e aos comentários complementares no campo “outro” das questões fechadas.

3.6 ETAPAS DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada em várias etapas, iniciando com a escolha do tema e a sua delimitação, a decisão dos objetivos, a justificativa do tema, apresentando os motivos para a execução do trabalho, a revisão de literatura, na qual foram detalhados os principais aspectos teóricos da pesquisa, baseados em livros e artigos científicos.

Também foi parte primordial da pesquisa o delineamento e escolha da metodologia que foi utilizada, de maneira que foram apresentados os métodos indispensáveis à aquisição dos dados que ampliaram o raciocínio, bem como a análise e interpretação dos dados que concebeu a maneira pela qual os dados alcançados foram corretamente analisados.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O capítulo apresenta uma análise descritiva e detalhada dos dados obtidos por meio da aplicação dos questionários aos alunos egressos do curso de Biblioteconomia da UFG, como também atribui uma análise do PPC do curso a fim de avaliar o que o mesmo propõe.

4.1 ANÁLISE DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

O projeto pedagógico do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, de 2004, buscou redimensionar em seu currículo a formação tecnocrata e condicionada a uma atuação tecnicista a partir da integração de uma formação cultural e humanista com os pressupostos técnicos específicos da área. A reforma curricular pretende superar a propagação do tecnicista e preparar o futuro profissional para tomar decisões políticas no sentido de determinar sua prática profissional a partir do conhecimento dos objetivos e da natureza social de uma Unidade de Informação (UFG, 2014).

O principal objetivo do Curso de Biblioteconomia da UFG é desenvolver profissionais e pesquisadores com conhecimento, competências e habilidades para debater e resolver questões incluídas à seleção, à coleta, à disposição, à representação, ao tratamento, à dispersão e a ascensão da informação e dos conhecimentos determinados, em diversos meios e suportes. Além disto, precisam do mesmo modo ser capazes de sugerir e administrar os caminhos, bem como as coleções informacionais e aprimorar sua recuperação de maneira a vigorar suas qualidades de ascensão e utilização pela sociedade (UFG, 2014).

Ao mesmo tempo, os egressos precisam pensar criticamente e também de modo criativo a respeito de sua ação profissional e a realidade em que estão envolvidos, analisando os princípios éticos de comportamento que orientam a sua profissão. Este desígnio é operacionalizado pela significativa junção em meio ao ensino, a pesquisa e a extensão, tendo em vista o desenvolvimento de profissionais eficazes e capazes de atuar unido à sociedade, levando em conta as modificações sociais, científicas, tecnológicas e do mundo do trabalho (UFG, 2014).

O curso foi programado para ser cursado em 8 semestres com carga horária mínima de 2.790 horas para integralização dos núcleos comum, específico e livre assim definidos:

- a) Núcleo comum: constituído de disciplinas consideradas fundamentais para a formação cultural e humanista do bibliotecário, de caráter obrigatório e com carga horária de 800 horas.
- b) Núcleo específico: constituído de disciplinas comuns que atenderão as áreas específicas e básicas da formação do bibliotecário, de caráter obrigatório e com

carga horária de 1200 horas. Com duas opções de ênfases profissionalizantes "Informação Educacional e Social" e, "Informação Científica, Tecnológica e Industrial", com carga horária obrigatória de 320 horas correspondente à ênfase escolhida.

- c) Núcleo livre: constituído de disciplinas complementares que poderão ser cursadas em qualquer unidade da UFG com carga horária mínima de 320 horas (UFG, 2015).

Foram consideradas as orientações previstas pelas novas diretrizes curriculares do Ministério da Educação, bem como no Regulamento Geral dos Cursos de Graduação (RGCG) da Universidade Federal de Goiás. Além das questões legais, consideram-se ainda os estudos feitos pela Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN) e o perfil do egresso nos 22 anos de existência do curso para a discussão geral dos resultados.

A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 revogou toda a legislação em que se baseou a formulação dos atuais currículos dos cursos superiores no Brasil; preconiza o princípio da flexibilidade curricular (permitindo ao aluno utilizar os conteúdos curriculares de acordo com suas potencialidades, levando em conta os conhecimentos prévios adquiridos em sua experiência de vida) e assegura a competência da Universidade de fixar os currículos dos seus cursos, desde que observadas as diretrizes curriculares pertinentes (RODRIGUES; LÜCK, 2001).

A última reforma curricular no Curso de Biblioteconomia da UFG ocorreu em 2004, seguindo a linha da maioria das escolas brasileiras na garantia do caráter tecnicista da profissão limitando-se a condicionar o bibliotecário, como bem define Souza (2003, p. 27), para: cadastrar documentos, descrevê-los, identificá-los tecnicamente, expressar tal identificação com base em uma taxionomia do conhecimento previamente construída, preparar cartões de identificação dos documentos para montar fichários, organizar o espaço físico para os mobiliários, bem como para as coleções. Disciplinas que poderiam constituir categorias explicativas fundamentais ao fazer bibliotecários como: sociedade, conhecimento, informação e leitor, por exemplo, aparecem nos currículos de forma fragmentada e limitada ao ângulo técnico não garantindo ao futuro bibliotecário o domínio da realidade social tão necessário à inserção social da profissão (SOUZA, 2003).

A Biblioteconomia é também uma prática social e os procedimentos ditados pelas normas técnicas e administrativas deverão ser adequados aos diferentes elementos constitutivos (usuário, área do conhecimento etc.) de uma unidade informacional.

O bibliotecário deverá, independente do tipo de organização, estar voltado para atender indivíduos singulares e não massificados, devendo utilizar conhecimentos técnicos administrativos para atender necessidades específicas de conhecimento, com uma atuação

didático-pedagógica. A articulação entre pressupostos teóricos e procedimentos práticos deverá garantir o entendimento da Unidade de Informação como um fator de produção de informação qualificado e ao profissional, a condição de interlocutor ativo que promove a descoberta de sentido no conteúdo da coleção (RODRIGUES; LÜCK, 2001).

O currículo ajuda a ordenar e inter-relacionar certos princípios e uma forma de realização dos mesmos, implicando, portanto na escolha política, historicamente configurada. Nessa perspectiva, os princípios a serem considerados nos novos currículos são:

- a) habilitação pretendida: é a biblioteconomia diante das novas concepções e demandas mercadológicas;
- b) articulação entre teoria e prática ao longo do curso, buscando a superação da racionalidade técnica. Sendo que, a formação continuada deve, portanto, ser ponto de referência no curso, aproximando a formação inicial dos projetos de atuação profissional;
- c) articulação entre formação, profissão e profissionalização, delineando uma dimensão política da formação na articulação da FACOMB com os campos de atuação profissional;
- d) visão multidisciplinar da área de atuação, uma vez que intermedia o uso e o tratamento da informação com profissionais de outras áreas.
- e) a pesquisa e extensão como princípio formativo fundamental para a produção de uma biblioteconomia mais adequada ao contexto nacional;
- f) o entendimento da formação tendo seu conteúdo discutido em áreas integradoras e não apenas em disciplinas específicas (conteúdos) (UFG, 2015).

A formação do bibliotecário supõe o desenvolvimento de competências, habilidades e domínio de conteúdos culturais e humanísticos específicos da Biblioteconomia que lhe garanta o enfrentamento da prática profissional da produção e difusão de conhecimentos, com proficiência, observando padrões éticos de conduta. Os profissionais deverão ser capazes de atuar junto a instituições e serviços que demandem intervenções de natureza e alcance variados como: bibliotecas, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, etc (MACHADO, 2010).

O sistema de avaliação ocorrerá como determina o RGCG da UFG, com atribuição de duas notas oficiais para o semestre. No entanto, as atividades de verificação da aprendizagem elaboradas conforme critérios adotados por cada professor deverão ter as funções formativas e somativas. A avaliação formativa consiste no fornecimento de informações que serão utilizadas na melhoria do desempenho do aluno durante seu processo de aprendizagem e a somativa refere-se às informações reunidas no final desse processo (UFG, 2014).

Ainda que a composição curricular vigente também se dissemine de modo disciplinar, as atuações que se tem desenvolvido no campo das práticas de ensino, consideram a integralização de conteúdos. As disciplinas ligadas ao centro de formação característica se incluem de modo inerente e as disciplinas de desenvolvimento geral fundamentam-se e se

transversalizam em todas as outras disciplinas. As evidências, por sua vez, recuperam abordagens trabalhadas no decorrer do curso e expandem e flexibilizam o olhar do aluno para determinando as suas capacidades de ação ao final de sua formação (RODRIGUES; LÜCK, 2001).

Sendo assim, os empenhos que se tem realizado, ainda que ainda não concebidos na apresentação da grade, tem sido o de justapor o ensino de conteúdos através das práticas. Deste modo, as atividades de extensão, vastamente ampliadas pelo curso em conjugado entre professores e alunos, derivam cada vez mais em casos de estudo, análise e aprendizado em sala de aula, referente cada vez mais o dia-a-dia ao científico e vice-versa (RODRIGUES; LÜCK, 2001).

Entretanto, as formas, os procedimentos e os métodos para esse desenvolvimento, estão sendo aprimorados e levados para debates em salas de aulas e projetos em grupos, estimulando a visão crítica e dos alunos, bem como o melhoramento do conhecimento, promovendo a formação de um profissional competente. Com isso, o curso de Biblioteconomia tende a melhorar e os graduados passaram atuar em sua área de formação, visto que o mesmo apresenta diversos eixos de atuação.

4.2 ANÁLISE DA COMPETÊNCIA INFORMACIONAL DOS EGRESSOS

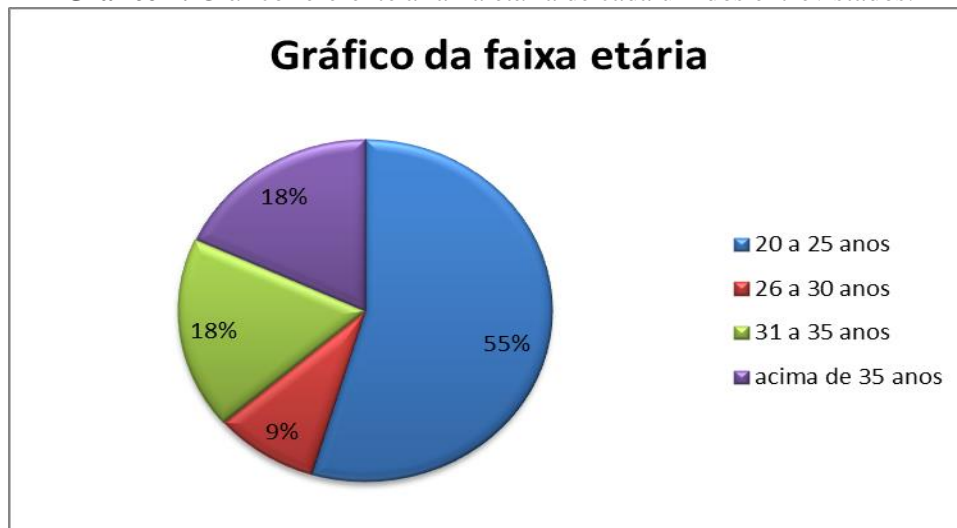
Diante dos dados coletados mediante o questionário subjetivo, foi possível identificar que a maioria dos entrevistados detinha algum conhecimento crítico relacionado às perguntas, ou seja, de alguma maneira, apesar de alguns entrevistados não atuarem de maneira direta na área de formação, o curso de Biblioteconomia contribuiu para a formação intelectual dos bibliotecários entrevistados como pode ser observado no teor das repostas.

Quanto aos dados de identificação, no que diz respeito ao gênero, 73% dos graduados que responderam o questionário são do sexo feminino e 27% do sexo masculino como pode ser observado no Gráfico 1:

Gráfico 1. Representação gráfica dos gêneros masculino e feminino.

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Entretanto, ressalta-se que o grupo de pessoas que fizeram parte desta pesquisa foi uma população jovem principalmente na faixa etária entre 20 a 25 anos, (seis participantes) o que corresponde a 54,5% dos respondentes; 9% dos 26 a 30 anos, que corresponde a um; 18,1% dos 31 a 35 anos, o que corresponde a dois participantes; e outros 18,1% acima de 35 anos, que corresponde também a dois participantes.

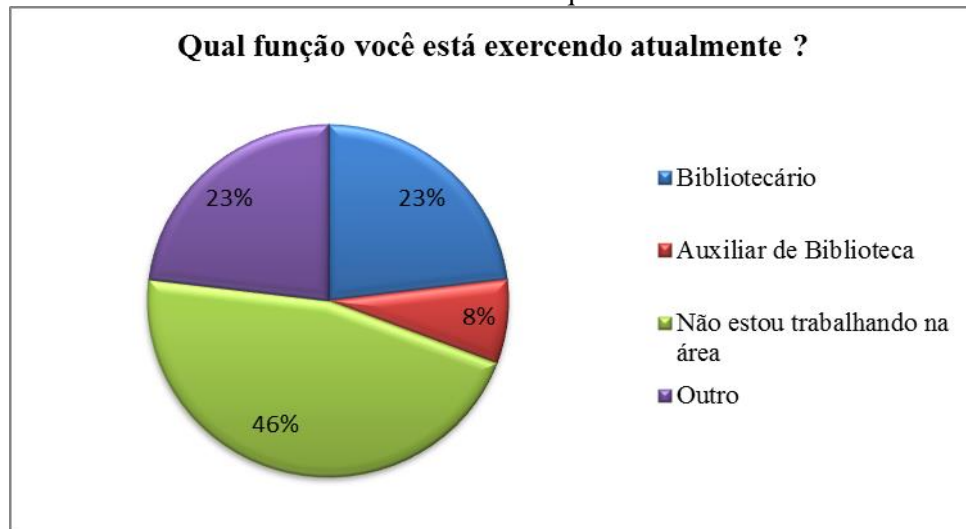
Gráfico 2. Gráfico referente a faixa etária de cada um dos entrevistados.

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Já o Gráfico 3 mostra a principais funções em que o egresso de Biblioteconomia da UFG, está atuando. Assim, é possível observar que cerca de 23% atuam como bibliotecários, 8% como auxiliar de biblioteca, 46% não estão trabalhando na área e cerca de 23% possuem outra função, mas em bibliotecas. Nesse contexto analisado, foi notório que a maioria dos

entrevistados, não atua na área, o que comprova a necessidade do curso de procurar formar um profissional dinâmico e crítico, para conseguir se inserir no mercado de trabalho da sua área de formação, no caso Biblioteconomia.

Gráfico 3. Gráfico referente a área em que os entrevistados atuam.



Fonte: elaborado pela autora, 2016.

No Gráfico 4 foi possível compreender o sentimento dos entrevistados com a profissão. Apesar do Gráfico 3 mostrar que 46% dos pesquisados não atuam na área, consiste em confiança, e 29% otimistas. Assim se somarmos a percentagem de confiantes e otimistas com a área de formação, verificamos que cerca de 75%, acreditam em alguma perspectiva na área de formação. Se levarmos ainda em consideração o Gráfico de faixa etária, podemos observar que a maioria dos entrevistados está na faixa dos 20 a 25 anos, ou seja, podemos prever que ainda há possibilidade desses profissionais entrarem no mercado da Biblioteconomia, visto que uma grande parcela é otimista e confiante com a formação.

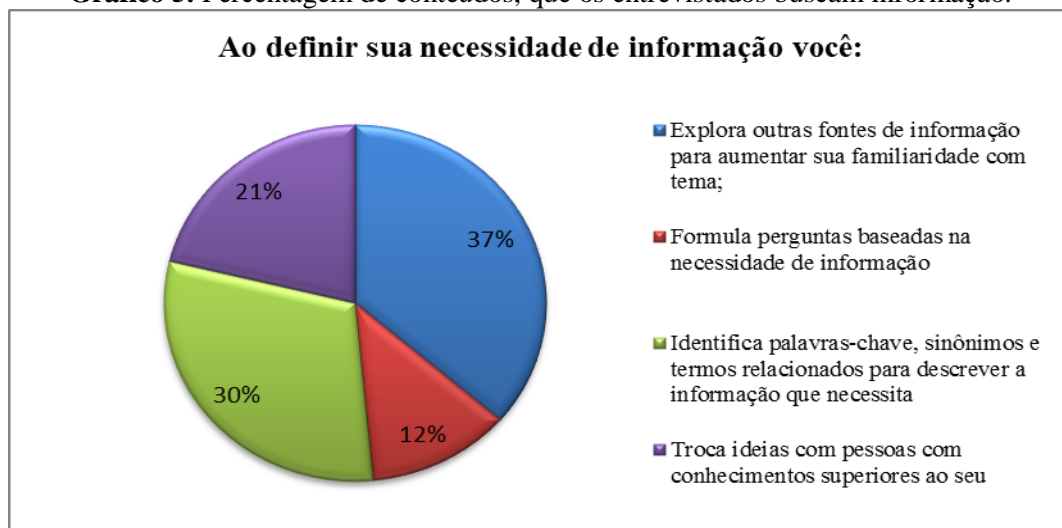
Gráfico 4. Expressa o sentimento dos entrevistados com a profissão de bibliotecário.



Fonte: elaborado pela autora, 2016.

No Gráfico 5, que se refere a necessidade de informação, foi possível detectar que os participantes marcaram mais de uma alternativa. Assim, cerca de 37% dos entrevistados explora conteúdos diversos de informação para melhorarem o conhecimento sobre o tema. Outros 12% geralmente formula perguntas baseadas na necessidade de informação, 30% identifica palavras-chave, sinônimos e termos relacionados para descrever a informação que necessita e 21% troca ideias com pessoas que apresenta conhecimentos superiores ao seu.

Gráfico 5. Percentagem de conteúdos, que os entrevistados buscam informação.

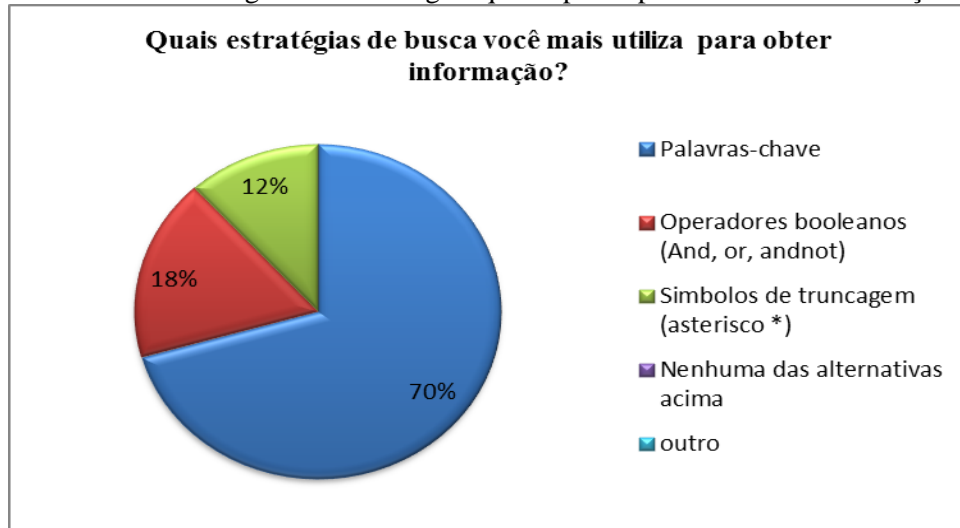


Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Apesar do Gráfico 5 mostrar que grande parte dos entrevistados buscam informações em conteúdos diversos e identificando palavras chave, o Gráfico 6, deixou claro que cerca de 70% dos entrevistados utilizam com ferramenta estratégica de busca pela informação as

“palavras chave”, e uma pequena parcela dos participantes da pesquisa utilizam operadores booleanos e símbolos de truncagem, quando comparados aos que utilizam palavras chave.

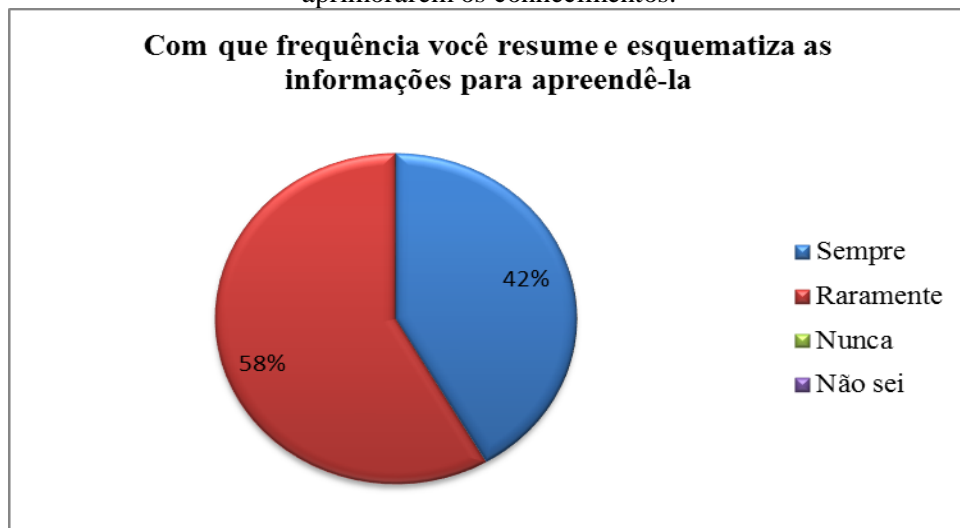
Gráfico 6. Porcentagem das estratégias que os participantes buscam informações.



Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Já no Gráfico 7 foi possível observar a frequência que os entrevistados compreendem as informações, de maneira que 42% sempre utilizam resumos e esquemas, e uma parcela significativa 58% raramente lançam mão deste modelo de compreensão. De maneira que podemos concluir que uma das maneiras mais tradicionais de estudo não chega a ser utilizada por 50% dos entrevistados para assimilar e melhorar o conhecimento, ou seja, os resumos e esquemas.

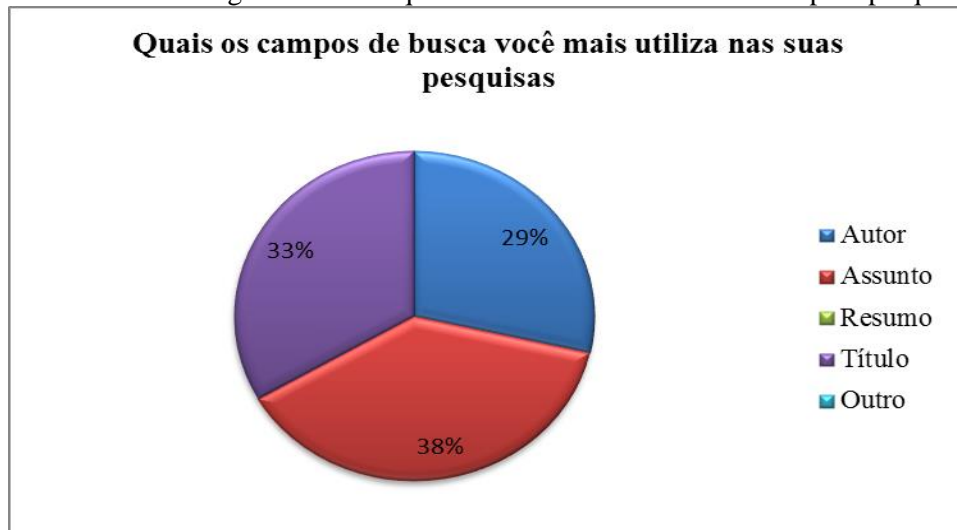
Gráfico 7. Resultados da porcentagem de egressos que utilizam resumos e esquemas para aprimorarem os conhecimentos.



Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Já no Gráfico 8, faz inferência ao campo de busca utilizado pelos entrevistados, deixando claro que 38% utilizam “assunto”, 33% utilizam “título” e o restante buscam pelo autor. Esses resultados expressos no Gráfico 8, comprova os resultados obtidos nos Gráficos 5 e 6, em que os entrevistados utilizam em sua maioria palavras chave, como estratégias de busca e aprimoramento de informações, o que há uma relação direta quando os entrevistados relatam que utilizam “assuntos” nos campos de busca de informação.

Gráfico 8. Percentagem da forma que os entrevistados mais utilizam para pesquisar.



Fonte: elaborado pela autora, 2016.

A Tabela 2, representa os resultados obtidos a partir dos dados que os entrevistados expressaram de acordo com seus conhecimentos adquiridos, em que foi solicitado a eles para que classificassem as fontes de informações em primárias, secundárias e terciárias. Contudo, percebeu-se que vários dos profissionais não sabiam responder tal questão, alguns inclusive nem responderam essa pergunta e outros responderam de maneira errada.

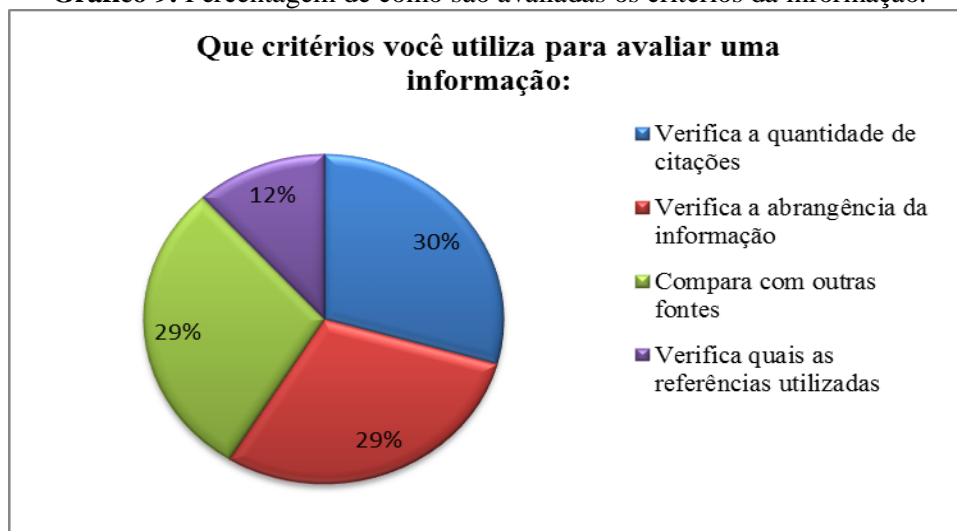
Com os resultados, foi possível observar que somente três dos egressos responderam de forma correta, que a Biblioteca e o Centro de Documentação é fonte terciária; Base de Dados é secundária; Periódicos é primária; Dicionário é secundária e terciária e Normas Técnicas classificada como primária. Para Pinheiro (2006) as fontes primárias satisfazem à “literatura primária” e são aqueles que se proporcionam e são difundidos precisamente na forma com que são determinados por seus autores. Contudo, Primary (2006) menciona que as fontes secundárias são explicações e avaliações de fontes primárias; e as terciárias são uma qualidade de ação e coletânea de fontes primárias e secundárias. Todavia, fica evidente a carência no conhecimento dos egressos.

Tabela 2. Resultados das fontes de informações.

	Primária	Secundária	Terciária	Não sei
Biblioteca e Centro de Documentação			3	
Base de Dados		1		
Periódicos	3			
Dicionários		3	3	
Normas Técnicas	3			

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Já o Gráfico 9 mostra que os critérios para avaliar uma informação, normalmente são a observação do número de citações, o que confere cerca de 30%, em seguida 29% verifica a abrangência da informação; 29% compara com outras fontes e 12% verifica quais as referências foram utilizadas. Nesse contexto, foi possível detectar uma baixa preocupação com o fator de impacto das referências e citações, mostrando que a maior preocupação consiste no quantitativo e não na qualidade da referência.

Gráfico 9. Percentagem de como são avaliadas os critérios da informação.

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

O Gráfico 10 mostra que cerca de 80% dos entrevistados se consideram como bons leitores, uma parcela de 8% se considera ruim e 8% se consideram excelentes. Assim, a grande maioria dos entrevistados, apesar de não serem excelentes, é capaz de identificar as ideias do autor ao longo do texto.

Gráfico 10. Porcentagem de compreender as ideias do autor, ao longo do texto.



Os resultados expressos no Gráfico 11 referem-se ao modo como os egressos avaliam a frequência e comparam as informações de várias fontes, avaliando sua confiabilidade. Assim, verifica-se que 15% dos pesquisados disseram que sempre avaliam, entretanto 85% responderam que às vezes, observa-se que vários dos entrevistados examinam e compram a informação das mais variadas fontes, apesar de não haver uma consistência na resposta, pois somente “às vezes” eles investigam.

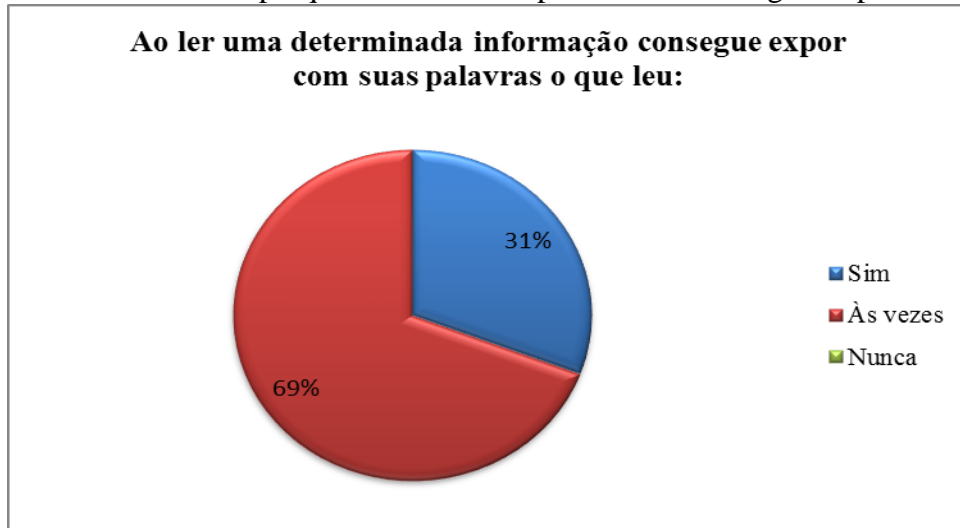
Gráfico 11. Resultados referentes a averiguação e confiabilidade das fontes de informações.



No Gráfico 12, é possível verificar que cerca 31% dos entrevistados consegue fazer uma resenha a partir de uma leitura utilizando suas próprias palavras. Porém, 69% apresentam certo grau de dificuldade em escrever suas ideias a partir de uma leitura. Portanto, se

considerarmos que os leitores às vezes consegue expor suas ideias, pode-se concluir que vários dos participantes conseguem expor escrevendo o que realmente leram, expondo o seu entendimento da leitura com as suas próprias palavras.

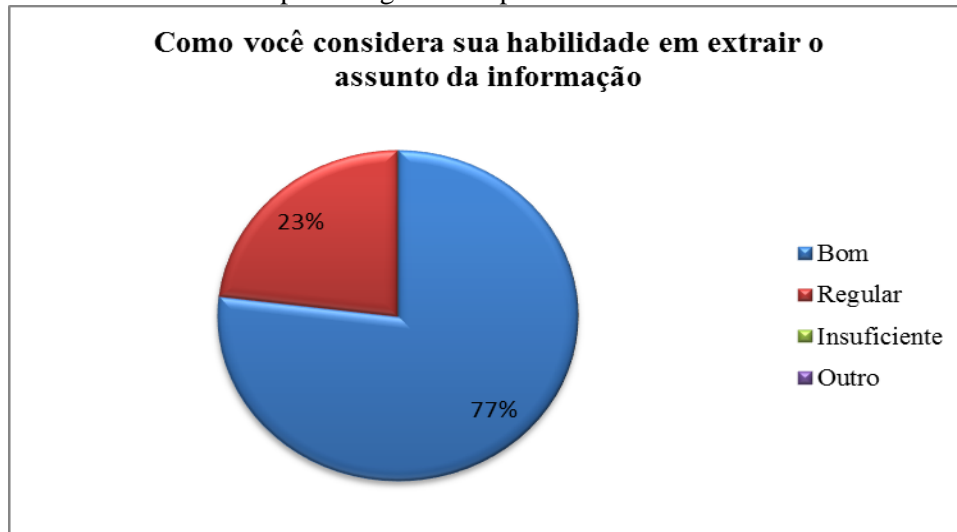
Gráfico 12. Resultado da pesquisa referente ao profissional conseguir expor suas ideias.



O Gráfico 13 expõe os resultados em relação ao questionamento das habilidades em mapear determinado assunto a partir de uma informação. O que foi observado com os dados obtidos das respostas dos entrevistados é que 77% se considera capaz de captar determinados assuntos a partir de uma informação. Já um grupo de 23% se declara regular.

Quando comparamos esses resultados com os obtidos no Gráfico 12, é possível notar uma contradição nas respostas, visto que 77% se consideram bons para extrair determinado assunto da informação, mas apenas 31% se considera seguro em discutir uma leitura com suas próprias palavras.

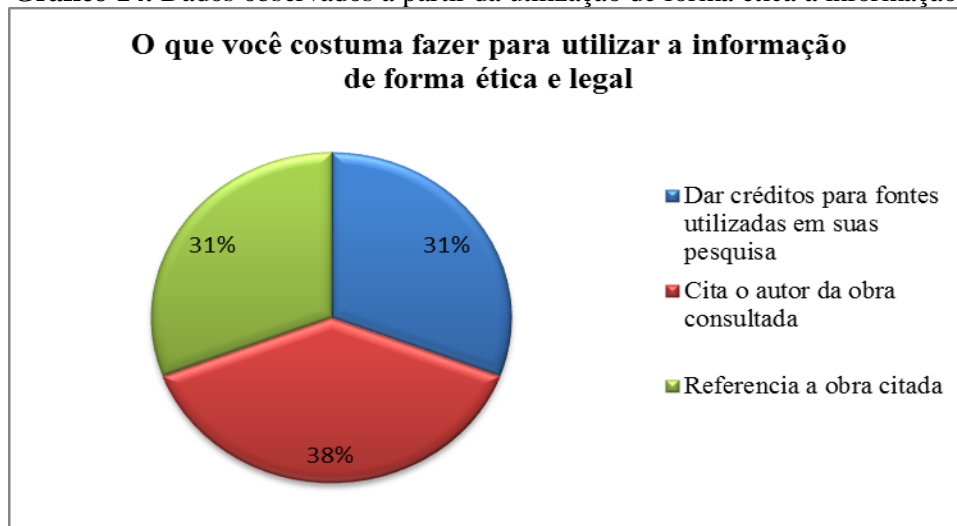
Gráfico 13. Resultados em percentagem da capacidade de extrair um determinado assunto.



Fonte: elaborado pela autora, 2016.

O Gráfico 14 expõe os resultados do questionamento da forma como as informações são citadas. Nesse contexto, observamos que 31% procura dar créditos as fontes utilizadas e a mesma porcentagem preocupa em referenciar a obra citada. Com esses resultados ainda foi possível verificar que 38% cita o autor da obra consultada, ou seja, isso deixa claro a preocupação em valorizar a obra do autor, o que de certo modo implica na relevância a informação.

Gráfico 14. Dados observados a partir da utilização de forma ética a informação.



Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Ao abranger o item sobre os Níveis de Competência Informacional, a primeira pergunta questionava se a forma que as disciplinas do curso interagem entre si colaborou para o desenvolvimento da sua competência informacional. Todos os participantes da pesquisa

responderam que as disciplinas do curso colaboraram para o seu desenvolvimento, bem como na sua competência informacional. Porém, falta incluir disciplinas que tratam das tendências da área e excluir disciplinas que não contribuem para a formação do bibliotecário.

Alguns respondentes deixaram claro que as disciplinas foram ministradas diversas vezes em conjunto, o que proporcionou conhecimento teórico e prático, necessário à formação como profissional. Acrescentaram ainda que as disciplinas precisam conversar melhor entre si, ou seja, praticar uma interdisciplinaridade ao invés da multidisciplinaridade, contudo, os conhecimentos que o curso proporcionou, focam de maneira essencial para o desenvolvimento das competências informacionais.

Determinados egressos alegaram que as principais falhas do curso de Biblioteconomia da UFG estão nas disciplinas que apesar de apresentarem elevado grau de importância, somente são apresentadas aos alunos na metade do curso em seu 4º e 5º período e que, no entanto, deveriam ser ofertadas logo no 1º semestre.

Portanto, percebe-se que alguns graduados não ficaram satisfeitos com o desempenho do curso, acreditando que poderia ter sido muito melhor o ensino/aprendizagem, como pode ser observado nas respostas apresentadas na Tabela 3.

A segunda pergunta tinha como função avaliar quais competências relacionadas à informação os graduados acreditam ter desenvolvido durante a sua formação. Assim, os participantes da pesquisa responderam que: auxiliar os alunos em suas necessidades específicas respeitando seu estilo de aprendizagem, estimular o aluno a buscar as fontes estratégias e respostas para a sua necessidade, colaborar no planejamento curricular e facilitar a aprendizagem em todas as áreas.

Deve-se também avaliar fontes, acessar fontes primárias, secundárias e terciárias. Bem como modo buscar e avaliar a informação de forma crítica sabendo buscá-la em qualquer tipo de formato em que possa estar.

Obter uma análise aprofundada dos metadados de uma obra, aprimoramento em resumos acadêmicos, visão crítica sobre a organização da informação, trabalhar com CDD, normas da ABNT e realizar pesquisas em bases de dados.

Já a terceira pergunta subjetiva visava avaliar o conhecimento do egresso sobre competência informacional, obteve-se como resposta dos participantes que a competência informacional está ligada às habilidades que há no ato da mediação de alguma informação, onde o profissional deve passar a informação com qualidade e de acordo com a necessidade do usuário. Saber determinados assuntos de forma detalhada, sendo assim um conjunto de saberes que se espera de um profissional capacitado, em uma determinada área do

conhecimento. Em suma, definiram competência informacional como habilidades para dominar a informação em quaisquer formatos, saber definir e entender as necessidades informacionais, bem como buscar e utilizar a informação de maneira ética, competente e eficaz. O que está de acordo com as definições apresentadas no decorrer da discussão do texto.

Tabela 3. Primeira pergunta e as repostas dos entrevistados.

As formas que as disciplinas do Curso interagem entre si colaborou para o desenvolvimento de sua competência informacional? Comente.

R1	Sim. Durante a disciplina, foram ministrados diversos métodos, que em conjunto proporcionou conhecimento teórico e prático, necessário para a formação como profissional.
R2	Sim. Uma das principais falhas do curso de Biblioteconomia da UFG são as disciplinas, que ao meu ver, são as mais importantes para apoio às pesquisas acadêmicas, serem apresentados aos graduandos somente no final do curso, em seu 4 e 5 período, salvo engano. Fontes de Informação I e II deveriam ser ofertadas no primeiro semestre do curso e não disciplinas comuns que, a meu ver, não acrescentaram em nada da minha formação profissional. Tal falha colabora e muito para o desenvolvimento tardio da competência informacional.
R3	Parcialmente. As disciplinas precisam conversar melhor, ou seja, praticar uma interdisciplinaridade ao invés de multidisciplinaridade. Contudo, os conhecimentos que o curso proporcionou, foram essenciais para o desenvolvimento de minhas competências informacionais.
R4	Sim
R5	Sim, com toda a certeza as disciplinas do curso contribuíram e muito para o aprimoramento da minha competência informacional.
R6	De certa forma sim, mas algumas disciplinas deixaram muito a desejar; no meu entendimento a disciplina de filosofia, teria que ter uma força maior em nosso curso, sabendo que a base de conhecimento perpassa por ela.
R7	Sim. Cada disciplina ministrada teve sua importância no processo de apreensão do conhecimento.
R8	Sim, colaborou, apesar que a conectividade das disciplinas poderia ter sido melhor trabalhada.
R9	Sim, apesar de algumas disciplinas não apresentarem relevância ao curso.
R10	Sim, de modo geral as disciplinas contribuíram de maneira significativa para minha formação.
R11	Sim, visto que diversas disciplinas apresentavam a vertente teórico-prática, o que proporcionou uma melhora no desenvolvimento da informação.

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Tabela 4. Segunda pergunta e as repostas dos entrevistados.

Quais competências relacionadas à informação você acredita ter desenvolvido durante a graduação?	
R1	Identificar com precisão a necessidade do usuário.
R2	Estratégia de busca.
R3	Teoria e prática da criação, gerenciamento, validação, organização, transmissão, pesquisa e difusão da informação. Gerindo recursos de informação. Fazendo uso de tecnologias específicas da ciência da informação e gestão da informação.
R4	Identificar e atribuir os devidos créditos as fontes consultados. Entender a informação: compreender a estrutura da informação; identificar as necessidades informacionais: estabelecer a natureza e o volume das demandas; localizar a informação: planejar estratégias na busca pela informação; recuperar a informação: reaver a informação de forma eficiente; avaliar: analisar e estimar a informação; usar: integrar e sintetizar a informação; comunicar: informar adequadamente os resultados do trabalho; exercício da ética: respeitar a propriedade intelectual e os direitos autorais.
R5	Eu desenvolvi durante o curso e o estágio competências de busca, avaliação e uso de informação, de forma ética e responsável. Uma capacidade de aprender a aprender, visto que, as mudanças de sistemas e lógicas de organização vivem em mutação.
R6	As competências informacionais desenvolvidas foram buscar e avaliar a informação de forma crítica, sabendo buscá-la em qualquer tipo de formato que essa possa estar.
R7	Habilidade com as fontes de informações, organização, conhecimentos específicos de como buscar informações.
R8	A análise mais aprofundada dos metadados de uma obra; aprimoramento em resumos acadêmicos; visão crítica sobre a organização da informação.
R9	Entre várias outras competências, acredito que a principal foi busca por fontes seguras e a certificação da veracidade da informação.
R10	Capacidade de distinguir a veracidade da informação, qualidade, abrangência, credibilidade quanto a autoria; capacidade de encontrar fontes de informação segura em bases de dados, e uso de estratégias de busca.
R11	Entender e discernir as fontes de informação em confiável e não confiável.

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Tabela 5. Terceira pergunta e as repostas dos entrevistados.

O que você entende sobre Competência Informacional?	
R1	Nada.
R2	Competência informacional é denominada como um conjunto de saberes que se espera de um profissional capacitado, em uma determinada área do conhecimento.
R3	Habilidade de encontrar, avaliar e usar os meios e as informações.
R4	Competência é uma maneira de qualificar um indivíduo à algo. Logo competência informacional se refere à habilidade de uma pessoa em acessar a informação de forma eficiente e efetiva, avaliar a informação de forma crítica e competente e usar a informação com precisão e com criatividade.
R5	É um termo que se inter-relaciona com letramento informacional, alfabetização informacional etc, mas não significa a mesma coisa. Acredito que competência informacional diz respeito as capacidades em lidar com informação. Isso envolve busca, avaliação e uso da informação de forma responsável. Além disso, vejo que as competências informacionais são necessidades cobradas pela a Sociedade da informação e/ou do conhecimento.
R6	É saber buscar a informação de forma eficaz e saber avalia-la. A competência adquirida pela pessoa que dá a ela possibilidade de desenvolver ações de informação. De forma que essa pessoa saiba o que quer e onde encontrar o que procura.
R7	Não tenho uma opinião ao certo sobre o assunto, mas observando o título imagino que seja, o domínio e a propriedade que o profissional desempenha com relação à informação.
R8	Penso que a competência informacional seja a habilidade e eficiência aplicada pelo profissional no processo de busca pela correta informação.
R9	Se dá a partir das diversas competências necessárias para busca, gerenciamento, tratamento e uso de informações.
R10	Consiste no conjunto de saberes que permite o profissional adaptar e melhorar sua capacidade organizacional.
R11	Habilidade e eficácia em determinado assunto.

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Mata (2009), a competência informacional é uma temática em desenvolvimento no âmbito da biblioteconomia e Ciência da Informação e vem ganhando cada vez mais espaço no meio profissional e científico, trazendo em suas discussões um conjunto de habilidades relacionadas ao acesso, avaliação e uso da informação. Assim, a competência informacional torna uma vantagem para o indivíduo que a detém diante das oportunidades que a sociedade da informação oferece. Pois estamos vivenciando uma realidade regada com a explosão bibliográfica e informacional, com excesso de informações dispersas e em formatos cada vez mais variados.

A pesquisa teve como objetivo geral analisar a competência informacional dos egressos do curso de Biblioteconomia da UFG no ano de 2014, tendo por base a formação recebida, visto que a graduação é um momento crucial de desenvolvimento das habilidades que envolvem essa competência.

Os objetivos puderam ser alcançados a partir da aplicação do questionário estruturado com base nos modelos: *ISP*, *The Big Six*, *The Seven Pillars* e *ACRL*. Esse embasamento teve como propósito, ter uma ideia geral do conjunto de habilidades que compõem a competência informacional, pois essa não exige do profissional apenas um conhecimento específico, mas sim um conjunto de saberes, habilidades e atitudes ligadas ao uso da informação.

Em geral, verificou-se que os alunos participantes da pesquisa demonstraram deter a maioria das habilidades relacionadas à competência informacional. Além disso, a pesquisa demonstrou que 80% dos entrevistados se consideram como bons ao identificar no texto as ideias do autor, porém, 69% apresentam certo grau de dificuldade em descrever tais ideias a partir de uma leitura. Ou seja, a maioria consegue identificar as ideias principais no texto, no entanto ao falar o que entendeu ou aprendeu ao ler determinada informação, sente dificuldades.

Observa-se pelos resultados obtidos que os participantes não possuem deficiências expressivas referentes às competências informacionais para a preparação de estratégia de busca. Entretanto, do mesmo modo, a elaboração de estratégia de busca tem a capacidade de ser mais bem trabalhada nas aulas, de modo que os que evidenciaram problemas do mesmo modo desenvolvam as competências que são indispensáveis para preparar estratégias de busca competentes e eficazes.

Ressalta-se que na categoria classificação das fontes de informação, os participantes apresentaram problemas/dificuldades referente à assimilação e distinção das fontes primárias,

secundárias e terciárias. Deixando claro que a maioria dos entrevistados da pesquisa não apresentava conhecimento relacionado à classificação das fontes. Uma vez que os profissionais necessitam ter conhecimento a respeito da classificação das fontes de informação e entender como o conhecimento é organizado, permitindo assim, a localização e recuperação de diferentes fontes e recursos informacionais. No entanto, a categoria acatou de maneira relativa aos princípios dos modelos de competência informacional.

No quesito de utilização da informação, constatou-se que os participantes utilizam as mais diversas fontes e recursos informacionais, mas, ficou claro que os entrevistados possuem uma deficiência em discutir e interpretar as informações, bem como avaliar a confiabilidade das fontes de informação.

Quanto às dificuldades apresentadas pelos participantes da pesquisa em relação a algumas habilidades específicas, devem ser complementadas com uma educação continuada, para preencherem as lacunas deixadas durante a sua formação na graduação. Contudo, foi possível notar algumas limitações na pesquisa. Com relação ao instrumento de coleta de dados foi possível observar que a maioria dos pesquisados, omitiram algumas respostas, não sendo sinceros sobre suas ações na realidade. Para melhores resultados, o ideal seria aplicar o questionário pessoalmente, para avaliar as habilidades dos alunos na prática.

6 SUGESTÕES FUTURAS

Avaliar os egressos em um universo majoritário, avaliando a competência informacional não somente dos egressos da Universidade Federal de Goiás, mas também de outras Universidades, e confrontar os resultados, é sugestão de estudos e pesquisas futuras.

Outra sugestão é modificar a forma como foi executada a pesquisa, ou seja, ir aos locais de trabalho desses profissionais egressos do curso de Biblioteconomia e avaliar suas competências informacionais no momento da execução do seu trabalho, para se ter uma resposta real tendo por base os modelos de competência informacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Information literacy competency standards for higher education**. 2000. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/ilintro.html>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

ARDUINI, S. S. A. Competência em informação no local de trabalho: mapeando caminhos por meio da literatura. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FESPSP, 2., São Paulo, 2013. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/448/306>>. Acesso em: 19 maio 2015.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Information Literacy competency for higher education**. Chicago: ALA, 2000. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/ilcomstan.html>>. Acesso em: 08 jul. 2015.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES - ACRL. **What is the Association of College & Research Libraries**. Chicago, Illinois, EUA, 2012. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/acrl/aboutacrl/whatisacrl/whatacrl.cfm>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

BEHRENS, M. A. (org.). O paradigma da complexidade na formação e no desenvolvimento profissional de professores universitários. **Educação**, Porto Alegre, v. 63, n. 3, p. 439-455, 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2742>>. Acesso em: 27 out. 2015.

BELLUZZO, R. C. B. Contribuição ao desenvolvimento da competência em informação em bibliotecas públicas paulistas: uma experiência com apoio de oficinas de trabalho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: CBBB, 2005. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:9HUtR1vBbFkJ:www.febab.org.br/apresentacao/Textos/CBBB%25202005%2520Regina%2520A.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

BELLUZZO, R. C. B. **Educação de usuários de bibliotecas universitárias: da conceituação e sistematização ao estabelecimento de diretrizes**. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/3799/>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

BLANK, C. K.; GONÇALVES, R. B. A busca de informações por adolescentes de baixa renda: um estudo sob a ótica da competência informacional. **Biblionline**, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 104-127, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/viewFile/13438/9593>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

BRANDÃO, H. P.; GUIMARÃES, T. A. Gestão de competências e gestão de desempenho: tecnologias distintas ou instrumentos de um mesmo construto. **Revista Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 8-15, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v41n1/v41n1a02.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2015.

BUNDY, A. **Australian and New Zealand information literacy framework: principles, standards and practice**, 2004. Disponível em: <<http://www.caul.edu.au/infoliteracy/InfoLiteracyFramework.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

CAMPELLO, B. A escolarização da competência informacional. **Revista de Biblioteconomia e Documentação: nova série**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 63-77, 2006. Disponível em:

<http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_c418d4f02c_0008735.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2015.

CAMPELLO, B. O movimento de competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/26/22>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

CAMPELLO, B.S; ABREU, V.L.F.G. Competência informacional e formação do bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 178-193, 2005. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/10/pdf_15c8a166f7_0012102.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2015.

CARBONE, P. P. et al. **Gestão por competências e gestão do conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Bibliotecon. & Comum**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, 2000. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/11663/1/artigoRBC.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

CAVALCANTE, L. E. Políticas de formação para a competência informacional: o papel das universidades. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação: nova série**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 47-62, 2006. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/17>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES 19, de 13 de Março de 2002. Estabelece diretrizes curriculares para o curso de biblioteconomia. **Diário Oficial da União do Brasil**, Brasília, DF, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 34. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES192002.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2015.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

DELUIZ, N. O Modelo das competências profissionais no mundo do trabalho e na educação: implicações para o currículo. **Boletim Técnico do SENAC**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 12-25, 2001. Disponível em: <<http://www.senac.br/bts/273/boltec273b.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35. Brasília, 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/123>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

DUDZIAK, E. A. **Information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 187 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/pt-br.php>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

DURAND, T. L'alchimie de la compétence. **Revue Française de Gestion**, n. 127, p. 84-102, 2000. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-francaise-de-gestion-2006-1-page-261.htm>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

FAGUNDES, M. M. **Competência informacional e geração Z: um estudo de caso de duas escolas de Porto Alegre**. 105 f. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/37536>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

FARIAS, C. M.; VITORINO, E. V. Competência informacional e dimensões da competência do bibliotecário no contexto escolar. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. 2, p. 2-16, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v14n2/v14n2a02.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

FIALHO, J. Experiência com estudantes do ensino médio através da pesquisa escolar orientada. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 18, n.1, p.15-25, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v18n1/03.pdf>> Acesso em:19 ago. 2015.

FLEURY, M. T. L., FLEURY, A. Construindo o conceito de competência. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 5, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-6552001000500010>. Acesso em: 25 mar. 2016

FLORES, N. E.; VARGAS, A. H. El bibliotecólogo como agente activo en el proceso de aprendizaje en la universidad del Pacífico. In: JORNADAS NACIONALES DE BIBLIOTECAS UNIVERSITARIAS: CONOCIMIENTO PARA INNOVAR, 3. **Anais Eletrônicos...** Peru: Grupo de Bibliotecas Académicas Peruanas. Peru, 2007. Disponível em: <<http://opac.univalle.edu.co/cgilib?hitno=6&infile=details.glu&luid=717705&rs=121934>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

FRANÇOIS, O. Information, social context, and ethical and legal issues. In: NEELY, T. Y. **Information literacy assessment: Standards-based tools and assignments**. Chicago: ALA, 2006. p.114-135.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, R. B.; GODINHO, N. B. Práticas de pesquisa de estudantes de biblioteconomia e arquivologia: uma abordagem sobre os aspectos afetivos envolvidos e competência informacional. **RECEBIN**, v. 1, n. 1, p. 75-93, 2014. Disponível em: <<http://www.abecin.org.br/revista/index.php/rebecin>>. Acesso em: 25 fev. 2015

HARRIS, B.R. Communities as necessity in information literacy development: challenging the standards. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 34, n. 3, p. 248-255, 2008. Disponível em: <[http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2 & hid=109&sid=eaf3e572a4164eb69e561eba853617c%40sessionmgr2bquery=\(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20080501\)&data=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl](http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2 & hid=109&sid=eaf3e572a4164eb69e561eba853617c%40sessionmgr2bquery=(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20080501)&data=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl)>. Acesso em: 06 maio 2015.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS – IFLA. **Guidelines for Information Literacy Assessment**. 2004. Disponível em: <<http://bivir.uacj.mx/DHI/DoctosNacioInter/Docs/Directrices.pdf.%3E>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

JACOBS, H.L.M. Information literacy and reflective pedagogical praxis. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 34, n. 3, p. 256-262, 2008. Disponível em: <[http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2 & hid=109 & sid=eaf3e572-a416-4eb6-9e5d61eba853617c%40sessionmgr2query=\(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20080501\)&data=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl](http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2 & hid=109 & sid=eaf3e572-a416-4eb6-9e5d61eba853617c%40sessionmgr2query=(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20080501)&data=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl)>. Acesso em: 12 maio 2015.

KUHLTHAU, C. Collier. ELIS – Information search process. **School of Communication and Information**, p. 1-19, 2007. Disponível em: <<https://comminfo.rutgers.edu/~kuhlthau/docs/ELIS%203E.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

KUHLTHAU, C. C. **Information search process**: powerpoint presentation. Department of Library and Information Science. Rutgers University, New Jersey, 2004. Disponível em:

<https://comminfo.rutgers.edu/~kuhlthau/information_search_process.htm>. Acesso em: 04 maio 2015.

KUHLTHAU, C. C. **Seeking meaning a process approach to library and information services**. Norwood, N.J.: Ablex, 1996.

Kuhlthau, C. Inside the search process: Information seeking from the user's perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, p. 361-371, 1991.

LECARDELLI, J.; PRADO, N. S. Competência informacional no Brasil: um estudo bibliográfico no período de 2001 a 2005. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 2, n. 2, p. 21-46. São Paulo, 2006.

BRASIL. Casa Civil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases de educação nacional. **Planalto**, Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 jul. 2015.

LINS, G. S.; LEITE, F.C.L. Comportamento informacional como aporte teórico para consolidação conceitual de competência informacional no contexto da comunicação científica. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2886.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2015.

LINS, G. S. **Inclusão do tema competência informacional, e os aspectos tecnológicos relacionados, nos currículos de biblioteconomia e ciência da informação**. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1382/1/Dissertacao_2007_GreycianeLins.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2015.

LOPES, C.; PINTO, M. Autoavaliação das competências de informação em estudantes universitários: validação portuguesa do IL-HUMASS (Parte II). In: CONGRESSO DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 11, Lisboa, 2012. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/468>>. Acesso em: 08 jan. 2016.

MACHADO, D. D. S. **Biblioterapia: percepção dos bibliotecários de Goiânia**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4290/2/TCCG-BIBLIOTECONOMIA-DEISA%20MACHADO.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATA, M. L. **A competência informacional de graduandos de biblioteconomia da região sudeste: um enfoque nos processos de busca e uso ético da informação**. 2009. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/mata_ml_me_mar.pdf> Acesso em: 25 jul. 2015.

MATA, M. L.; CASARIN, H. C. S. A formação do bibliotecário e a competência informacional: um olhar através das competências. In: MARA, Marta Leandro da (org.). **Gestão, mediação e uso da**

informação [online]. São Paulo: UNESP / Cultura Acadêmica, 2010. p. 300-318. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/j4gkh>> Acesso em: 26 jul. 2015.

MATA, M. L.; CASARIN, H. C. S. **Competência em Informacional no âmbito escolar**: um projeto para o desenvolvimento de habilidades informacionais no ensino fundamental. 2006. 127 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

MATA, M. L.; CASARIN, H. C. S. Aspectos éticos e legais da competência informacional e a formação do bibliotecário: um estudo com graduandos de biblioteconomia da região sudeste. **EDICIC**, v. 1, n. 1, p. 119-134, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/115355>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

MCCLELLAND, D. C. Testing for competence rather than for “intelligence”. **American Psychologist**, v. 28, p. 1-14, 1973.

MELO, A. V. C.; ARAÚJO, E. A. Competência informacional e gestão do conhecimento: uma relação necessária no contexto da sociedade da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 185-201, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n2/v12n2a12.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2015.

MELO, A. V. C. **Análise do desenvolvimento dos estágios de competência informacional em estudantes do curso de graduação em biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba-UFPB**. 2008. 451 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

MIRANDA, S. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ci. Inf.**, Brasília v. 35, n. 3, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a10.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

MOURA, M. A. **Leitor-bibliotecário**: interpretação, memória e as contradições da subjetividade em processos de representação informacional. Brasília: Briquet de Lemos, 2002.

NAVES, M. M. L.; KURAMOTO, H. **Organização da informação**: princípios e tendências. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

PASQUARELLI, M. L. R. **Procedimentos para busca e uso da informação**: capacitação de aluno de graduação. Brasília: Thesaurus, 1996.

PEDRON, A. J. **Metodologia científica**: auxiliar do estudo, da leitura e da pesquisa. 3. ed. Brasília: Redentorista, 2001.

PERUCCHI, V.; SOUZA, B. A. Competência informacional no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB: um estudo do projeto pedagógico. **Informação & Informação**, Londrina v. 16, n. 1, p. 21-35, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6539/8476>> Acesso em: 13 out. 2015.

PINHEIRO, L. V. R. P. Fontes ou recursos de informação: categorias e evolução conceitual. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v.1 n.1, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.ibict.br/pbcib/include/getdoc.php?id=76&article=251 &mode=pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

PRIMARY, S.; Sources, T. **James Cook University**. Atualizado em: ago. 2006. Disponível em: <<http://www.library.jcu.edu.au/LibraryGuides/primsrscs.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

RADER, H. B. Alfabetización informacional en el entorno del servicio de referència: preparándonos para el futuro. **Anales de documentación**, n. 3, p. 209-216, 2000.

REECE, G.J. Critical thinking and cognitive transfer: implication for the development of online information literacy tutorials. **Research Strategies**, v. 20, p. 482-493, 2007. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6W604N6Y5J41&_user=687353&_coverDate=12%2F31%2F2005&_alid=890474669&_rdoc=32&_fmt=high&_orig=search&_cdi=6584&_sort=d&_docanch or=&view=c&_ct=141&_acct=C000037882&_version=1&_urlVersion=0&_userid=687353&md5=a03bbf507cf61a74179a565971622e58>. Acesso em: 07 maio 2015.

ROCHA, D. A. **Estudo de comportamento informacional de professores do Comando da Academia da Polícia Militar do Estado de Goiás**. 92 f. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) – Universidade Federal de Goiás, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4409/2/TCCG-BIBLIOTECONOMIA-DIVINA%20ROCHA.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

RODRIGUES, M. E. F.; LÜCK, E. H. A resignificação do ato de ensinar e aprender na universidade: o ensino de Biblioteconomia em questão. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 7. **Anais eletrônicos...** Porto: Actas, 2001. Disponível em: <http://www.ci.uff.br/ppgci/arquivos/producao/Mara_Eliane_Lh_1.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2016.

ROPÉ, F.; TANGUY, L. (org.). **Saberes e Competências: o uso de tais noções na escola e na empresa**. Campinas: Papyrus, 1997.

SANTOS, R. B. **Competência Informacional: histórico e perspectiva para a sociedade da informação**. 2011. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/16624/1/2011_RafaelBarcelosSantosp.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2015.

SAYERS, R. **Principles of awareness-Rising**. 2006. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:SUHAU7fC_U4J:unesdoc.unesco.org/images/0014/001476/147637e.pdf+principles+of+awareness+raising+sayers+2006+pdf&_>. Acesso em: 05 jun. 2015.

SOUZA, C. Políticas Públicas: questões temáticas e de pesquisa. **Caderno CRH**, Salvador, v. 39, p. 11-24, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/2789/1/RCRH-2006-273%5B1%5D%20ADM.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

STRIPLING, B. K. Quality in school library media programs: focus on learning. **Library Trends**, v. 44, n. 3, p. 631-656, 2007.

TARAPANOFF, K. **Perfil do profissional da informação no Brasil: diagnóstico de necessidades de treinamento e educação continuada**. Brasília: IEL/DF, 1997.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG. **Cursos de Graduação - Regional Goiânia – Curso de Biblioteconomia**. PROGRAD Pró Reitoria de Graduação. 2014. Disponível em: <<https://www.prograd.ufg.br/n/75530-cursos-de-graduacao-regional-goiania?locale=en>>. Acesso em: 10 set. 2015.

VALENTIM, M. L. P. Atuação e perspectivas profissionais do profissional da informação. In: VALENTIM, M. L. P, (org.). **O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis: 2000. p.115-152.

VITORINO, E. V. Competência informacional: princípios para a formação contínua de profissionais da informação em bibliotecas universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., São Paulo, 2008. **Anais eletrônicos...** São Paulo, CRUESP, 2008. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2698.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2015.

VITORINO, E. V. Competência informacional do profissional da informação bibliotecário: construção social da realidade. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 24, p. 59-71, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2007v12n24p59>> Acesso em: 15 nov. 2015.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 3, p. 130-140, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a09.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

WARD, D. Revisioning information literacy for lifelong meaning. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 32, n. 4, p. 396-402, 2006. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6W504K66F24&_user=687353&_coverDate=07%2F31%2F2006&_rdoc=1&_fmt=&_orig=search&_sort=d&view=c&_acct=C000037882&_version=1&_urlVersion=0&_userid=687353&md5=9f38e96fa442024a88d1ba6789d1e910>. Acesso em: 21 jun. 2015.

XAVIER, G. M. S. **Competência informacional: estudo com concluintes de curso de administração de uma capital do nordeste do Brasil**. 102 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Potiguar, 2013. Disponível em: <http://www.pos.unp.br/administracao/dissertacoes_2013/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Gleice%20Maria%20da%20Silva%20Xavier.pdf> Acesso em: 18 ago. 2015.

ZAFALON, Z. R. **Projeto político pedagógico do curso de bacharelado em biblioteconomia e ciência da informação**. 2012. Disponível em: <http://www.prograd.ufscar.br/projetoped/PPP_BCI_UFSCar.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2015.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO COMPETÊNCIA INFORMACIONAL

O presente questionário visa apoiar a pesquisa acadêmica, intitulada: “Competência Informacional no Ensino Superior: um estudo sobre os egressos de 2014 do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás”. O objetivo deste estudo é analisar a situação atual da Competência Informacional dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás no ano de 2014, tendo por base a formação recebida.

As respostas serão utilizadas de forma agregada e os respondentes não serão identificados.

A pesquisadora agradece sua contribuição!

Camila Teixeira Silva

camila.teixeira.s@hotmail.com

Aceito participar, estando ciente que a participação é voluntária e declarando ter sido devidamente esclarecido (a) dos objetivos e procedimentos dessa pesquisa.

Sim

Não

Caracterização dos Pesquisados

Você é do sexo: Feminino Masculino

Assinale a faixa etária que você se encontra:

20 a 25 anos

26 a 30 anos

31 a 35 anos

Acima de 35 anos

Necessidade de Informação

1- Qual função você está exercendo atualmente:

Bibliotecário

Auxiliar de Biblioteca

Não estou trabalhando na área

Outro _____

2- Qual o seu sentimento ao se deparar com uma necessidade de informação?

(Pode marcar mais de uma alternativa)

Confiante

Confuso

- Otimista
- Inseguro
- Com dúvidas

3- Ao definir sua necessidade de informação você:

(Pode marcar mais de uma alternativa)

- Explora outras fontes de informação para aumentar sua familiaridade com tema;
- Formula perguntas baseadas na necessidade de informação
- Identifica palavras-chave, sinônimos e termos relacionados para descrever a informação que necessita
- Troca ideias com pessoas com conhecimentos superiores ao seu

Estratégias de Busca

4- Quais estratégias de busca você mais utiliza para obter informação?

(Pode marcar mais de uma alternativa)

- Palavras-chave
- Operadores booleanos (And, or, andnot)
- Símbolos de truncagem (asterisco *)
- Nenhuma das alternativas acima

Outro _____

5- Com que frequência você resume e esquematiza as informações para apreendê-la:

- Sempre
- Raramente
- Nunca
- Não sei

Manipulação das Fontes de Informação

6- Quais os campos de busca você mais utiliza nas suas pesquisas:

(Pode marcar mais de uma alternativa)

- Autor
- Assunto
- Resumo
- Título

Outro _____

7- De acordo com seus conhecimentos classifique as fontes de informações em primárias, secundárias e terciárias:

	Primária	Secundária	Terciária	Não sei
Biblioteca e Centro de Documentação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Base de Dados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Periódicos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dicionários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Normas Técnicas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Avaliação e Organização das fontes

8- Que critérios você utiliza para avaliar uma informação:
(Pode marcar mais de uma alternativa)

- Verifica a quantidade de citações
- Verifica a abrangência da informação
- Compara com outras fontes
- Verifica quais as referências utilizadas

9- Como você classifica sua habilidade em identificar no texto as ideias do autor:

- Excelente
- Bom
- Ruim

10- Com que frequência você examina e compara a informação de várias fontes para avaliar sua confiabilidade:

- Sempre
- Às vezes
- Nunca

11- Ao ler uma determinada informação consegue expor com suas palavras o que leu:

- Sim
- Às vezes
- Nunca

12-Como você considera sua habilidade em extrair o assunto da informação:

()Bom

()Regular

()Insuficiente

Outro _____

13- O que você costuma fazer para utilizar a informação de forma ética e legal:

()Dar créditos para fontes utilizadas em suas pesquisa

()Cita o autor da obra consultada

()Referencia a obra citada

Outro _____

Níveis de Competência Informacional

1- As formas que as disciplinas do Curso interagem entre si colabora (colaborou) para o desenvolvimento de sua competência informacional? Comente.

2- Quais competências relacionadas à informação você acredita ter desenvolvido durante a graduação?

3- O que você entende sobre Competência Informacional?
